

LETICIA STEPFER OLIVEIRA

**JORNALISMO E AMOROSIDADE:
ANÁLISE DO ECOSISTEMA SUMAÚMA**

CAXIAS DO SUL

2025

LETICIA STEPFER OLIVEIRA

**JORNALISMO E AMOROSIDADE:
ANÁLISE DO ECOSSISTEMA SUMAÚMA**

Trabalho de Conclusão de Curso, submetido
como exigência parcial para a obtenção do
grau de Bacharel em Jornalismo, pela
Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Luiza
Cardinale Baptista

CAXIAS DO SUL

2025

LETICIA STEPFER OLIVEIRA

**JORNALISMO E AMOROSIDADE:
ANÁLISE DO ECOSSISTEMA SUMAÚMA**

Trabalho de Conclusão de Curso, submetido como exigência parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^a. Maria Luiza
Cardinale Baptista

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista (orientadora)

Prof. M.e. Jacob Raul Hoffmann

Prof. Dr. Gernei Goes dos Santos

Dedico este trabalho aos sonhos de meus pais que se apequenaram para abraçar os meus. Agora, sonhem, e realizem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Amazônia por, mesmo com dor, dar-nos a coisa mais valiosa da existência do mundo: a vida.

Agradeço à minha Professora Orientadora, Maria Luiza Cardinale Baptista, por dividir comigo a paixão pela comunicação, pelos livros, pelo outro; por entregar o conhecimento de uma vida com tanto amor, pela escuta, pelo abraço, pelos saberes.

Agradeço ao Henrique Barbosa, um poeta a quem posso chamar de amigo, que possibilitou uma jornada de aprendizado mais leve com sua poesia, amor e vivacidade.

Agradeço à Isabella Toneli, uma pessoa de saberes extraordinários e sinceridade acalentadora, por dividir as risadas e as preocupações da travessia universitária.

Agradeço aos professores do curso de Jornalismo, por se colocarem com tanta coragem no lugar desafiador do ensino, pelo carinho que transborda dos olhos, das vozes e das trocas.

Por fim, agradeço à vida pelo prazer de estar vivo, de poder conhecer, pesquisar e compartilhar.

*no alto
amazonas
entre matas
densas
a sumaúma
assoma*

*raízes
tabulares
imensas
feito uma
harpa
de cordas
tensas
se lançam
aos pares*

*o poeta
disfarçado
de curupira
bate nelas
os calcanhares
pra fazer
ressoar de
perto*

*a melodia
da tarde
o lamento
da terra
e a vertigem
dos ares*

*quando lá
nas alturas
ruge
a tempestade
e no chão
a motosserra*

Adriano Espínola, a Sumaúma

RESUMO

Este trabalho analisa como o ecossistema jornalístico Sumaúma mobiliza princípios de amorosidade na construção de narrativas jornalísticas voltadas à Amazônia. Partindo do entendimento de que o jornalismo contemporâneo enfrenta desafios relacionados à saturação informacional, à fragmentação da atenção e ao enfraquecimento dos vínculos comunicacionais, a pesquisa investiga de que maneira a narrativa pode operar como dispositivo de aproximação, cuidado e escuta. O estudo utiliza, como base teórica, a obra *Páginas Ampliadas*, de Edvaldo Pereira Lima, que apresenta o jornalismo narrativo como experiência sensível e ampliada, e a perspectiva da amorosidade desenvolvida por Maria Luiza Cardinale Baptista, e aplicada por Camila de Melo e pelo grupo Amorcomtur!, entendida como ética relacional que sustenta processos de conhecimento e comunicação. Metodologicamente, a pesquisa segue a Cartografia dos Saberes, articulando matrizes rizomáticas, leitura sensível do corpus e análise interpretativa de reportagens publicadas pela Sumaúma. Os resultados indicam que as narrativas do veículo demonstram forte engajamento afetivo, especialmente por meio da valorização das vozes amazônicas, da centralidade da experiência vivida, da construção de personagens complexos e do uso de recursos estéticos que convidam o leitor à presença e à empatia. Conclui-se que a prática jornalística da Sumaúma manifesta uma ética-estética da escuta que amplia a potência comunicacional da narrativa, evidenciando o papel do jornalismo sensível como ponte entre territórios, sujeitos e modos de existir.

Palavras-chave: jornalismo narrativo; amorosidade; Amazônia; Sumaúma; narrativa jornalística.

ABSTRACT

This work analyzes how the Sumaúma journalistic ecosystem mobilizes principles of loving-kindness in the construction of journalistic narratives focused on the Amazon. Starting from the understanding that contemporary journalism faces challenges related to information saturation, fragmentation of attention, and the weakening of communicational bonds, the research investigates how narrative can operate as a device for approximation, care, and listening. The study uses, as a theoretical basis, the work **Páginas Ampliadas**, by Edvaldo Pereira Lima, which presents narrative journalism as a sensitive and expanded experience, and the perspective of loving-kindness developed by Maria Luiza Cardinale Baptista and applied by Camila de Melo and the Amorcomtur! group, understood as a relational ethic that sustains processes of knowledge and communication. Methodologically, the research follows the Cartography of Knowledge, articulating rhizomatic matrices, sensitive reading of the corpus, and interpretative analysis of reports published by Sumaúma. The results indicate that the narratives published in the publication demonstrate strong affective engagement, especially through the valorization of Amazonian voices, the centrality of lived experience, the construction of complex characters, and the use of aesthetic resources that invite the reader to presence and empathy. It is concluded that Sumaúma's journalistic practice manifests an ethics-aesthetics of listening that amplifies the communicative power of the narrative, highlighting the role of sensitive journalism as a bridge between territories, subjects, and ways of being.

Keywords: narrative journalism; affection; Amazon; Sumaúma; journalistic narrative.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Matriz de Pesquisa.....	20
Quadro 2 — Matriz de Detalhamento.....	22
Quadro 3 — Matriz de Composição.....	24
Quadro 4 — Matriz de Coerência Operacional e Dinâmica da Pesquisa.....	29
Quadro 5 — Matriz de Observação Narrativa.....	73
Quadro 6 — Matriz de Observação Narrativa 1.....	76
Quadro 7 — Matriz de Observação Narrativa 2.....	78
Quadro 8 — Matriz de Observação Narrativa 3.....	81
Quadro 9 — Matriz de Observação Narrativa 4.....	84
Quadro 10 — Matriz de Observação Narrativa 5.....	87

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: AMOR DO SUL AO NORTE.....	12
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	14
2.1 A CARTOGRAFIA DOS SABERES COMO ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA.	14
2.1.1 A trama dos entrelaços.....	16
2.1.2 Saberes pessoais ou dimensão subjetiva.....	16
2.1.3 Saberes teóricos ou trama conceitual-bibliográfica.....	17
2.1.4 Laboratório de pesquisa ou usina de fazeres.....	17
2.1.5 Pensamentos picados ou dimensão intuitiva.....	18
2.2 MATRIZES RIZOMÁTICAS COMO BÚSSOLA DE PESQUISA.....	18
2.2.1 Matriz 1: Trama e rizomas - Verificação da coerência da pesquisa.....	19
2.2.2 Matriz 2: Detalhamento do rizoma. Relação ‘entrelaços nós’, objetivos, capítulos e subcapítulos.....	21
2.2.3 Matriz 3: Composição - trama teórico-conceitual-bibliográfica da pesquisa.....	24
2.2.4 Matriz 4: Coerência operacional e dinâmica da pesquisa - Capítulos..	28
2.3 PARA A ANÁLISE, O DIÁLOGO COM PÁGINAS AMPLIADAS.....	32
2.4 A ANÁLISE NARRATIVA COMO PROCEDIMENTO.....	34
2.5 AMOROSIDADE COMO HORIZONTE METODOLÓGICO.....	35
3 JORNALISMO NARRATIVO: MULTIVERSO DA EXISTÊNCIA HUMANA.....	37
3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO JORNALISMO: A NARRATIVA COMO MEDIAÇÃO.....	41
3.2 O JORNALISMO LITERÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE.....	46
4 AMOROSIDADE E CONTEMPORANEIDADE.....	50
4.1 A POTÊNCIA DO AFETO.....	50
4.2 A DIMENSÃO FILOSÓFICA DA AMOROSIDADE: O SER-COM-O-OUTRO E O REENCONTRO COM O HUMANO.....	54
4.3 A DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA: CONHECER EM RELAÇÃO, COMUNICAR EM ALTERIDADE.....	57
4.4 A DIMENSÃO ECOSÓFICA: COMUNICAÇÃO, INTERDEPENDÊNCIA E ECOLOGIA DA EXISTÊNCIA.....	61
4.5 IMPLICAÇÕES PARA O JORNALISMO: A AMOROSIDADE COMO ÉTICA E ESTÉTICA DA ESCUTA.....	63
5 ECOSSISTEMA JORNALÍSTICO SUMAÚMA: AFETIVIDADE E NARRATIVA COMO DISPOSITIVO DE ESCUTA.....	68
5.1 SOBRE O ECOSSISTEMA JORNALÍSTICO SUMAÚMA.....	68
5.2 DESENVOLVIMENTO DA MATRIZ DE OBSERVAÇÃO.....	70
5.3 APLICAÇÃO DA MATRIZ DE OBSERVAÇÃO NARRATIVA ÀS REPORTAGENS DO ECOSSISTEMA SUMAÚMA.....	74
5.3.1 Análise da reportagem 1: Nossos filhos estão nascendo apodrecidos.	

Será que as doenças estão fazendo isso com eles?.....	74
5.3.2 Análise da reportagem 2: O mundo de vocês, brancos, me deixa muito triste.....	77
5.3.3 Análise da reportagem 3: Os índios que não tinham nome.....	80
5.3.4 Análise da reportagem 4: Mariposa e eu não queremos sobreviver....	83
5.3.5 Análise da reportagem 5: Raimundo quer um mundo em que os bebês-peixes possam nascer.....	86
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91

1 INTRODUÇÃO: AMOR DO SUL AO NORTE

Há caminhos que começam muito antes de serem nomeados como pesquisa. Eu escrevo do Sul, onde o vento frio desenha as montanhas e o tempo parece sempre correr apressado. A Amazônia, porém, pulsa no Norte, é vasta, quente, imprevisível, como se fosse outro ritmo do mundo, outro modo de respirar. Entre nós há milhares de quilômetros, linhas de fronteira, rios que não vejo daqui, florestas que só conheço por imagens e narrativas. Ainda assim, sinto que existe uma ponte invisível que nos liga, baseada naquilo que a comunicação, quando guiada pela escuta, é capaz de entrelaçar.

É dessa distância, e também desse chamado, que nasceu esta pesquisa. Há algum tempo venho me perguntando: como narrar experiências humanas em um mundo saturado de informações e carente de vínculos? Como tocar o outro quando o espaço digital fragmenta, acelera e dispersa? Como fazer jornalismo quando a notícia se dissolve antes mesmo de ser compreendida?

Foi nesse desassossego que encontrei abrigo no Jornalismo Narrativo. A leitura de *Páginas Ampliadas* (Lima, 2009) abriu um caminho que não era apenas técnico, mas sensível. Nele, a narrativa não se limita a registrar fatos, ela mergulha, escuta, convive e se afeta. Narrar torna-se, então, travessia, um gesto de aproximação. E talvez seja por isso que a Amazônia retorna sempre como chamado, porque ela exige outro tempo, outra atenção, outro modo de olhar. E exige, também, outra ética.

Essa ética aparece de forma luminosa nos estudos sobre amorosidade, especialmente na perspectiva de Maria Luiza Cardinale Baptista e nas reflexões de Camila de Melo (2025), orientadas por Baptista. A amorosidade, entendida como princípio relacional, resgata a possibilidade de conhecer com, e não sobre, o outro. É uma prática de cuidado que desloca o jornalismo da posição de simples observação para a de encontro, encontro esse que transforma quem narra e quem é narrado.

Foi assim que cheguei ao ecossistema jornalístico Sumaúma. Suas reportagens, nascidas do chão amazônico, não apenas informam, elas convocam, envolvem e fazem sentir. Ali, o jornalismo funciona como território de passagem

entre universos. Suas narrativas ampliam o alcance da floresta até aqui, de onde escrevo.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral analisar narrativas do ecossistema jornalístico Sumaúma considerando as dimensões de amorosidade e os conceitos de Jornalismo Literário Avançado. Busca compreender como suas práticas narrativas mobilizam afetos, ampliam vozes e produzem aproximações em um tempo marcado pela velocidade e pela dispersão.

Para tanto, estruturam-se os seguintes objetivos específicos:

- mapear os principais conceitos teóricos sobre Jornalismo Narrativo e afetividade;
- analisar as características editoriais, estéticas e narrativas de Sumaúma, com ênfase na aproximação afetiva;
- investigar de que modo os elementos materiais e simbólicos das reportagens constroem vínculos com o público;
- identificar estratégias narrativas que acionam a amorosidade como ética relacional.

A monografia está organizada em cinco capítulos. O Capítulo 2 apresenta os aspectos metodológicos, fundamentados na Cartografia dos Saberes e nas matrizes rizomáticas de Baptista. O Capítulo 3 discute os conceitos de narrativa e Jornalismo Literário Avançado como multiverso da existência humana. O Capítulo 4 aprofunda a noção de amorosidade em suas dimensões filosófica, epistemológica e ecosófica. O Capítulo 5 analisa o ecossistema jornalístico Sumaúma, observando seus modos de narrar, escutar e construir vínculos. Por fim, o Capítulo 6 apresenta as considerações finais, articulando os achados da pesquisa e sugerindo caminhos futuros.

Escrever sobre a Amazônia do Sul é assumir que toda narrativa nasce situada, e, ao mesmo tempo, atravessada por aquilo que pulsa além de nós. Talvez seja isso que este trabalho procura, construir pontes, encurtar distâncias, reconhecer na narrativa o gesto que nos faz, apesar de tudo, um pouco mais próximos.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e interpretativa, apoiada em procedimentos de análise narrativa e teórica. Parte-se do pressuposto de que o jornalismo, em especial em suas manifestações narrativas, constitui um campo em permanente construção, no qual a objetividade técnica não se esgota em si mesma, mas se entrelaça às dimensões subjetivas da experiência humana. Assim, o estudo se orienta pela busca de compreender como a narrativa jornalística pode funcionar como mediadora de afetos, vínculos e sentidos.

2.1 A CARTOGRAFIA DOS SABERES COMO ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

A Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (in Baptista; Eme, 2023), constitui um dispositivo metodológico que rompe com a tradição linear e prescritiva da pesquisa científica. Mais do que um método no sentido clássico, trata-se de uma atitude investigativa aberta e processual, que acompanha fluxos, pistas e movimentos, reconhecendo que o conhecimento é sempre provisório, situado e relacional.

Trata-se de dispositivo interessante para estudar universos em transmutação, fenômenos em seu processo natural de mudanças e alterações, em uma dinâmica contínua de autoprodução. A criação da Cartografia dos Saberes teve como proposta orientar a operacionalidade do trabalho em sistemas em caosmose (caos-osmose-no cosmo), o que caracteriza a maioria dos fenômenos estudados. A composição da Cartografia como Cartografia dos Saberes remete à ideia de multiplicidade de saberes transversais, entrelaçados na composição dos nós de pesquisa (Baptista in Baptista; Eme, 2023), p. 10).

O movimento cartográfico não busca “controlar” o objeto, mas caminhar junto dele, em um processo que valoriza a escuta, a sensibilidade e a subjetividade do pesquisador. Nesse sentido, Baptista e Eme (2023) enfatizam que somos sujeitos que buscam, sujeitos de afetos e mobilizados pelas forças todas desses afetos que nos põem no mundo. A pesquisa, assim, é também uma experiência de si, na medida em que o pesquisador se afeta e se transforma ao longo do percurso investigativo.

A Cartografia dos Saberes organiza-se em uma “Trama de Trilhas dos ‘Entrelaços Nós da Pesquisa’” (Baptista; Eme, 2023, p. 11), que não representa uma sequência linear, mas uma rede rizomática de percursos possíveis. Inspirada em Rolnik (1989), essa proposta entende cartografar como acompanhar a mutação da paisagem investigativa, em um movimento de abertura e criação. Nesse sentido, a cartografia constitui uma “orientação estratégica plurimetodológica para a produção investigativa” (Baptista; Eme, 2023, p. 10), sustentando-se no reconhecimento da pesquisa como universo vivo, em constante transmutação.

Diferentemente de modelos fixos, a cartografia dos saberes legitima a multiplicidade, a fluidez e a complexidade do processo investigativo, permitindo que diferentes dimensões sejam acionadas conforme as necessidades do percurso. Baptista (in Baptista; Eme, 2023, p. 11) explica que o método se organiza em trilhas interconectadas que, ao se entrelaçarem, formam uma teia dinâmica.

Assim, a cartografia não deve ser compreendida como um manual de etapas a seguir, mas como um modo de pensar-fazer a pesquisa em constante diálogo entre subjetividade, teoria, prática e intuição. É nesse entrelaçamento que os mapas interpretativos ganham força, abrindo espaço para acolher a sensibilidade, a amorosidade e os afetos como dimensões legítimas do conhecimento.

Aplicado a esta pesquisa, a estratégia metodológica permite compreender as reportagens de Sumaúma não apenas como textos informativos, mas como territórios de narratividade e afeto, nos quais emergem vozes, memórias e práticas de resistência. A análise, portanto, não se pauta por categorias pré-estabelecidas, mas busca construir mapas interpretativos em diálogo com as pistas textuais e afetivas encontradas no material empírico.

Essa perspectiva metodológica se mostra especialmente fecunda quando o objeto de estudo envolve dimensões como a amorosidade e a afetividade, que dificilmente se enquadram em parâmetros rígidos de mensuração. O movimento cartográfico, ao legitimar a complexidade e a fluidez, oferece um caminho mais adequado para acompanhar os modos como Sumaúma articula narrativas engajadas e experiências de reconexão.

2.1.1 A trama dos entrelaços

Nesta trilha, entende-se que a cartografia não se faz em etapas isoladas, mas em rede rizomática. Baptista (in Baptista; Eme, 2023) recorre à noção de nós de pesquisa, inspirada em Prigogine, para mostrar que a investigação se organiza em pontos de confluência e passagem.

Nessa perspectiva, os saberes pessoais dialogam com os teóricos, que se atualizam no laboratório, sendo constantemente atravessados por pensamentos picados. A cartografia é, portanto, uma “teia em constante processo”, que sustenta o rigor sem perder a fluidez.

No caso desta pesquisa, essa trama permite entrelaçar subjetividade, afeto e teoria na análise de Sumaúma, reconhecendo-a como território narrativo e afetivo em que se manifestam vozes, memórias e práticas de resistência.

2.1.2 Saberes pessoais ou dimensão subjetiva

Essa trilha enfatiza que o pesquisador é sujeito situado, atravessado por histórias, afetos e inquietações. Baptista (in Baptista; Eme, 2023, p. 13) destaca que “ninguém começa uma pesquisa ‘do nada’”. O que impulsiona o percurso investigativo são experiências anteriores, desejos e bagagens que orientam escolhas de temas e caminhos. O exercício proposto por Baptista é perguntar: “*o que te importa nesse universo de investigação?*” Ao responder, o pesquisador legitima a própria subjetividade como dimensão constitutiva do processo. Essa postura rompe com a ideia de neutralidade e reconhece que “autorizar-se a ser autor do próprio texto na vida e na investigação” é um ato de amorosidade.

O trabalho aqui é escrever para si mesmo, para saber o que se sabe e se pensa sobre os focos sinalizados pelos ‘balões’, os ‘entrelaços nós’ da pesquisa. Escrever e, depois, conversar com os colegas do grupo de pesquisa e com a orientadora ou orientador (Baptista in Baptista; Eme, 2023, p. 13).

Aplicada à análise das reportagens de Sumaúma, essa trilha permite compreender o trabalho como um processo de afetação mútua: a pesquisadora se deixa tocar pelas narrativas e, ao mesmo tempo, reinscreve-se nelas. O interesse em discutir afetividade e amorosidade no jornalismo não é apenas intelectual, mas

também existencial, configurando-se como ponto de partida e força motriz do percurso.

2.1.3 Saberes teóricos ou trama conceitual-bibliográfica

A segunda trilha corresponde ao diálogo com referenciais conceituais e bibliográficos. Baptista (in Baptista; Eme, 2023) explica que essa trama é formada por “fluxos teóricos”, ou seja, conexões de pensamentos que se entrelaçam com as inquietações da pesquisadora.

A autora defende que não basta acumular leituras: é preciso sistematizar, organizando os textos em quadros, esquemas ou matrizes cognitivas que mostrem relações entre conceitos e autores. Essa postura mantém a trama viva e aberta a revisões, em sintonia com a perspectiva rizomática.

Não adianta ler muitos textos, apenas. É preciso refletir e organizar o que está sendo lido e criar desenhos, matrizes cognitivas, que demonstrem a relação entre eles. Estes desenhos podem ser quadros demonstrativos lineares (contanto que o pesquisador entenda que tudo é fluido, transmutante, vivo e que, nesse sentido, pode ser revisado a qualquer momento). Podem ser também desenhos mais criativos e complexos, como expressões fractais, que demonstrem a coerência epistemológica entre o pressuposto de complexidade, a dimensão trama e a expressividade (Baptista in Baptista; Eme, 2023, p. 13).

No caso desta pesquisa, a base teórica é composta por autores que pensam a narrativa como espaço de sentido e vínculo: Lima (2009), Bruner (1997), Benjamin (1987) e Melo (2025). Em diálogo com Baptista e Eme (2023), esses aportes iluminam a análise das reportagens de Sumaúma como narrativas éticas, afetivas e engajadas.

2.1.4 Laboratório de pesquisa ou usina de fazeres

A terceira trilha refere-se à dimensão prática, também chamada por Baptista (in Baptista; Eme, 2023) de “usina de produção”. É o espaço em que a teoria encontra o objeto e os procedimentos são escolhidos ou inventados conforme as necessidades da investigação. A autora explica que as aproximações são “ações preliminares, de encontro com o universo investigado ‘de peito aberto’” (Baptista; Eme, 2023, p. 15), sem pressupostos rígidos, mas abertas às pistas emergentes. Já

as ações investigativas correspondem a movimentos mais amadurecidos, que dão sequência às aproximações.

As aproximações, então, são fazeres da pesquisa, modos de aproximações do universo, para ajudar a pensar, refletir, sentir, conhecer profundamente. Podem ser realizadas com procedimentos tradicionais, qualquer um deles, quantitativo ou qualitativo, ou podem ser acionadas a partir de procedimentos criados especialmente para a pesquisa em andamento, em coerência às singularidades dos universos investigados (Baptista in Baptista; Eme, 2023, p. 15).

Neste trabalho, o laboratório corresponde à leitura e análise das reportagens de Sumaúma como textos vivos, em que não apenas estruturas narrativas, mas também gestos de cuidado e modos de escuta são observados. Assim, o laboratório não é mero espaço de aplicação, mas campo de criação, em que prática e teoria se entrelaçam na produção de novos sentidos.

2.1.5 Pensamentos picados ou dimensão intuitiva

A quarta trilha valoriza os lampejos, fragmentos e insights que emergem durante o percurso. Baptista (in Baptista; Eme, 2023) destaca que a intuição é “uma espécie de fio invisível que costura a vida e a pesquisa”. Esses pensamentos picados não devem ser vistos como desvios, mas como pistas interpretativas que ampliam o horizonte da análise. A recomendação de Baptista é registrar rapidamente cada intuição, sem julgamentos, pois o pensamento analítico muitas vezes bloqueia a ousadia e a criatividade.

O mundo da intuição é livremente conectado com os universos potentes em transmutação, sem as amarras dos axiomas. Trata-se, portanto, de uma dimensão de incrível potencialidade criativa e de conexões com informações ainda não acessadas pela consciência (Baptista in Baptista; Eme, 2023, p. 15).

Na análise das reportagens de Sumaúma, esses fragmentos se manifestam quando imagens, metáforas ou vozes evocam sentidos inesperados, abrindo novas possibilidades de leitura. Assim, a dimensão intuitiva torna-se parte integrante do percurso, legitimando a sensibilidade como modo de conhecer.

2.2 MATRIZES RIZOMÁTICAS COMO BÚSSOLA DE PESQUISA

Seguindo o espírito da cartografia, esta pesquisa adota as matrizes rizomáticas como dispositivo de organização metodológica. Para Baptista, a matriz funciona como bússola investigativa, ou seja, como recurso de orientação que organiza os caminhos possíveis sem fixá-los em etapas rígidas. Trata-se de estrutura rizomática e dinâmica, que se reconfigura conforme as necessidades do percurso e que permite visualizar a conexão entre dimensões subjetivas, teóricas, práticas e intuitivas. Segundo a autora: “Trata-se de um processo em que se sobressai à lógica processual, complexa, de desdobramento de acontecimentos em uma dinâmica contínua de acoplamentos e transversalizações” (Baptista; Eme, 2023, p. 16).

A matriz não é grade fixa, mas organização em movimento, permitindo que o pesquisador articule rigor acadêmico com abertura para as emergências do campo. Nesse sentido, a matriz dialoga com a trama dos entrelaços, na qual os nós da pesquisa constituem pontos de confluência e passagem, e não de fechamento.

2.2.1 Matriz 1: Trama e rizomas - Verificação da coerência da pesquisa

A análise de tramas e rizomas constitui uma etapa central na verificação da coerência da pesquisa, pois permite articular os elementos do estudo de forma não linear, sensível à complexidade do fenômeno investigado. Esta matriz se conecta diretamente à primeira trilha da Cartografia dos Saberes, na medida em que deriva dos “entrelaços nós” da investigação, que representam os núcleos de significação que estruturam o conhecimento emergente. Cada nó, ao ser identificado, não apenas representa um ponto focal de interesse, mas também estabelece conexões múltiplas com outros nós, formando uma rede rizomática onde não existe hierarquia rígida, mas sim um fluxo contínuo de relações interpretativas.

Nesse contexto, o pesquisador precisa recorrer a estratégias de sobrevivência metodológica ao navegar pela “viagem investigativa” em direção à construção de conhecimento no mundo contemporâneo. A dimensão trama da pesquisa permite que o foco investigativo seja compreendido como um ponto de significação dentro de um tecido mais amplo, enquanto a cartografia dos saberes fornece ferramentas conceituais para mapear, registrar e interpretar os movimentos entre nós, conexões e derivações.

O foco de estudo é, em si, uma trama de significação e uma proposição narrativa rizomática, já que propõe o conhecimento da complexidade de um fenômeno-trama e sinaliza para a narrativa geral da investigação, que é rizomática, derivativa e dissipativa. Sua identificação decorre de trajetória pessoal do pesquisador e se justifica pela importância para outros sujeitos – universos de investigação, grupos de sujeitos e organizações, lugares – localidades, cidades, regiões, países, planeta (Baptista in Baptista; Eme, 2023, p. 18).

As matrizes rizomáticas, por sua vez, oferecem um modelo organizacional flexível, capaz de sustentar a composição de cada item da investigação, começando pelo foco ou delineamento da pesquisa e expandindo-se para os demais elementos derivados.

Assim, o enfoque em tramas e rizomas não apenas orienta a verificação da coerência metodológica, mas também fortalece a capacidade da pesquisa de lidar com a complexidade, a dispersão e a multiplicidade de sentidos presentes no mundo contemporâneo. Ele transforma o processo investigativo em uma experiência dinâmica e interativa, em que cada nó, cada conexão e cada deriva contribuem para a construção de um conhecimento mais integrado, sensível e significativo. Em última instância, segundo Baptista, essa abordagem permite que o pesquisador reconheça a pesquisa como uma narrativa viva, em constante transformação, capaz de capturar não apenas dados ou fatos isolados, mas a teia de relações e significados que permeiam o fenômeno estudado.

Apresenta-se, abaixo, a matriz que reúne os objetivos, os capítulos e as questões de pesquisa que guiam esta investigação.

Quadro 1 — Matriz de Pesquisa

Título	Foco ou Delineamento de Estudo	Objetivo Geral	Questão de Pesquisa	Objetivos Específicos	Capítulos
JORNALISMO E AMOROSIDADE: ANÁLISE DO ECOSISTEMA SUMAÚMA	Jornalismo Narrativo e amorosidade no ecossistema jornalístico Sumaúma.	Analisar narrativas do ecossistema jornalístico Sumaúma considerando as dimensões de Jornalismo Narrativo e amorosidade.	Quais características das narrativas do ecossistema jornalístico Sumaúma estão alinhadas com os pressupostos de Jornalismo Narrativo e de amorosidade?	Discutir características de narrativas jornalísticas. Apresentar pressupostos	1 INTRODUÇÃO 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS 3 JORNALISMO NARRATIVO: MULTIVERSO DA EXISTÊNCIA HUMANA 4 AMOROSIDADE E CONTEMPORANEIDADE

				de amorosidade.	5 ECOSSISTEMA JORNALÍSTICO SUMAÚMA: AFETIVIDADE E NARRATIVA COMO DISPOSITIVO DE ESCUTA
				Analisar características do ecossistema jornalístico Sumaúma e verificar, nas produções narrativas de Sumaúma, sinalizadores de Jornalismo Narrativo e amorosidade.	6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fonte: Elaborada pela autora a partir de Baptista e Eme (2023).

2.2.2 Matriz 2: Detalhamento do rizoma. Relação ‘entrelaços nós’, objetivos, capítulos e subcapítulos

Esta matriz concentra-se na análise aprofundada das relações entre os “nós” identificados ao longo da pesquisa e os objetivos estabelecidos inicialmente. Cada nó, entendido como um ponto de significação central da investigação, é confrontado com as metas e proposições do estudo, garantindo que os elementos investigativos não se dispersem e permaneçam conectados ao propósito central. Além disso, a matriz estabelece a articulação entre os nós, os capítulos e os subtítulos do trabalho, permitindo visualizar como cada segmento da pesquisa contribui para a narrativa global e para a construção de sentido interpretativo.

Ao adotar essa abordagem, a matriz atua como uma ferramenta de verificação conceitual e estrutural, assegurando que os temas explorados nos capítulos estejam coerentes com os objetivos e que a progressão da investigação siga uma lógica derivativa e rizomática. Dessa forma, não apenas se organiza a informação, mas também se evidencia a complexidade do fenômeno estudado, permitindo que as conexões entre os nós sejam identificadas, analisadas e reinterpretadas de maneira contínua.

Além disso, o detalhamento do rizoma possibilita ao pesquisador acompanhar a evolução da pesquisa em termos de consistência interna, oferecendo subsídios

para ajustes metodológicos e aprofundamento conceitual. Ele fortalece a capacidade de integrar teoria, dados e análise, garantindo que cada capítulo e subtítulo contribua de forma articulada para a compreensão do fenômeno como um todo, mantendo a fluidez narrativa e a coerência interpretativa características de uma investigação rizomática.

Apresenta-se, abaixo, a matriz de detalhamento da pesquisa.

Quadro 2 — Matriz de Detalhamento

'Entrelaços Nós' da Pesquisa	Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Capítulos e subcapítulos
Jornalismo, amorosidade, conexão, afeto, escuta, empatia, literário, informação jornalística, integração, narrativa, contemporaneidade, histórias.	Analisar narrativas do ecossistema jornalístico Sumaúma considerando as dimensões de Jornalismo Narrativo e amorosidade.	Discutir características de narrativas jornalísticas.	1 INTRODUÇÃO 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS 2.1 A CARTOGRAFIA DOS SABERES COMO ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA 2.1.1 A trama dos entrelaços 2.1.2 Saberes pessoais ou dimensão subjetiva 2.1.3 Saberes teóricos ou trama conceitual-bibliográfica 2.1.4 Laboratório de pesquisa ou usina de fazeres 2.1.5 Pensamentos picados ou dimensão intuitiva 2.2 MATRIZES RIZOMÁTICAS COMO BÚSSOLA DE PESQUISA 2.2.1 Matriz 1: Trama e rizomas – Verificação da coerência da pesquisa 2.2.2 Matriz 2: Detalhamento do rizoma. Relação 'entrelaços nós', objetivos, capítulos e subcapítulos 2.2.3 Matriz 3: Composição – trama teórico-conceitual-bibliográfica da pesquisa 2.2.4 Matriz 4: Coerência operacional e dinâmica da pesquisa – Capítulos 2.3 PARA A ANÁLISE, O DIÁLOGO COM PÁGINAS AMPLIADAS 2.4 A ANÁLISE NARRATIVA COMO PROCEDIMENTO 2.5 AMOROSIDADE COMO HORIZONTE METODOLÓGICO 3 JORNALISMO NARRATIVO: MULTIVERSO DA EXISTÊNCIA HUMANA 3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO JORNALISMO: A NARRATIVA COMO MEDIAÇÃO

		Apresentar pressupostos de amorosidade.	3.2 O JORNALISMO LITERÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE 4 AMOROSIDADE E CONTEMPORANEIDADE 4.1 A POTÊNCIA DO AFETO 4.2 A DIMENSÃO FILOSÓFICA DA AMOROSIDADE: O SER-COM-O-OUTRO E O REENCONTRO COM O HUMANO 4.3 A DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA: CONHECER EM RELAÇÃO, COMUNICAR EM ALTERIDADE 4.4 A DIMENSÃO ECOSÓFICA: COMUNICAÇÃO, INTERDEPENDÊNCIA E ECOLOGIA DA EXISTÊNCIA 4.5 IMPLICAÇÕES PARA O JORNALISMO: A AMOROSIDADE COMO ÉTICA E ESTÉTICA DA ESCUTA
		Analisar características do ecossistema jornalístico Sumaúma e verificar, nas produções narrativas de Sumaúma, sinalizadores de Jornalismo Narrativo e amorosidade.	5 ECOSSISTEMA JORNALÍSTICO SUMAÚMA: AFETIVIDADE E NARRATIVA COMO DISPOSITIVO DE ESCUTA 5.1 SOBRE O ECOSSISTEMA JORNALÍSTICO SUMAÚMA 5.2 DESENVOLVIMENTO DA MATRIZ DE OBSERVAÇÃO 5.3 APLICAÇÃO DA MATRIZ DE OBSERVAÇÃO NARRATIVA ÀS REPORTAGENS DO ECOSSISTEMA SUMAÚMA 5.3.1 Análise da reportagem 1: Nossos filhos estão nascendo apodrecidos. Será que as doenças estão fazendo isso com eles? 5.3.2 Análise da reportagem 2: O mundo de vocês, brancos, me deixa muito triste 5.3.3 Análise da reportagem 3: Os índios que não tinham nome 5.3.4 Análise da reportagem 4: Mariposa e eu não queremos sobreviver 5.3.5 Análise da reportagem 5: Raimundo quer um mundo em que os bebês-peixes possam nascer 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fonte: Elaborada pela autora a partir de Baptista e Eme (2023).

2.2.3 Matriz 3: Composição - trama teórico-conceitual-bibliográfica da pesquisa

Esta matriz tem como foco a organização das Trilhas Teórico-conceituais-bibliográficas, atuando como ferramenta central para sistematizar conceitos, agrupamentos de autores e referências que fundamentam a investigação. Ela permite que o pesquisador visualize de forma estruturada como os diferentes elementos teóricos se conectam aos nós da pesquisa, criando uma rede coerente de significados que orienta a análise e a construção de conhecimento.

Ela não se limita a listar autores ou teorias; ela organiza os conteúdos de modo a evidenciar relações conceituais, apontando caminhos interpretativos e sinalizando como diferentes correntes de pensamento contribuem para a compreensão do fenômeno estudado. Ao fazer isso, a matriz apoia a formação de um panorama integrado da literatura, permitindo identificar lacunas, sobreposições e conexões entre os conceitos centrais, fortalecendo o alinhamento entre teoria e prática.

Além disso, funciona como uma ferramenta de navegação interpretativa, auxiliando o pesquisador a articular a fundamentação teórica com os capítulos e subtítulos da pesquisa. Ao relacionar autores, conceitos e perspectivas, a matriz facilita a construção de uma narrativa coerente e contínua, na qual cada elemento bibliográfico contribui para o desenvolvimento do argumento e para a compreensão rizomática do fenômeno.

Em última instância, essa matriz garante que a pesquisa mantenha rigor conceitual, ao mesmo tempo em que preserva a flexibilidade necessária para explorar derivações e interconexões entre ideias. Ela fortalece a consistência teórica do trabalho e assegura que cada referência bibliográfica cumpra papel ativo na composição do conhecimento investigativo, funcionando como um elo entre os nós da pesquisa, a estrutura do estudo e a narrativa geral da investigação.

Apresenta-se, abaixo, a matriz que reúne os objetivos, os capítulos, trilhas teóricas e autores.

Quadro 3 — Matriz de Composição

Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Trilhas Teórico-Conceituais-Bibliográficas	Autores	Capítulos e subcapítulos
----------------	-----------------------	--	---------	--------------------------

Analisar narrativas do ecossistema jornalístico Sumaúma considerando as dimensões de Jornalismo Narrativo e amorosidade.		Cartografia dos Saberes	- Maria Luiza Cardinale Baptista - Jennifer Bauer Eme	1 INTRODUÇÃO 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS 2.1 A CARTOGRAFIA DOS SABERES COMO ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA 2.1.1 A trama dos entrelaços 2.1.2 Saberes pessoais ou dimensão subjetiva 2.1.3 Saberes teóricos ou trama conceitual-bibliográfica 2.1.4 Laboratório de pesquisa ou usina de fazeres 2.1.5 Pensamentos picados ou dimensão intuitiva 2.2 MATRIZES RIZOMÁTICAS COMO BÚSSOLA DE PESQUISA 2.2.1 Matriz 1: Trama e rizomas – Verificação da coerência da pesquisa 2.2.2 Matriz 2: Detalhamento do rizoma. Relação 'entrelaços nós', objetivos, capítulos e subcapítulos 2.2.3 Matriz 3: Composição – trama teórico-conceitual-bibliográfica da pesquisa 2.2.4 Matriz 4: Coerência operacional e dinâmica da pesquisa – Capítulos
		Jornalismo Literário Avançado	- Edvaldo Pereira Lima	2.3 PARA A ANÁLISE, O DIÁLOGO COM PÁGINAS AMPLIADAS
		Estrutura da narrativa	- Walter Benjamin - Jerome Bruner	
		Narração como dispositivo analítico	- Walter Benjamin - Jerome Bruner - Gustavo de Castro	2.4 A ANÁLISE NARRATIVA COMO PROCEDIMENTO
		Resultados interpretativos	- Philip Meyer	
		Amorosidade na comunicação	- Maria Luiza Cardinale Baptista - Humberto Maturana - Camila Carvalho de Melo	2.5 AMOROSIDADE COMO HORIZONTE METODOLÓGICO
		Relação, ética, afeto e interdependência	- Muniz Sodré - Baruch Spinoza	

	Discutir características de narrativas jornalísticas.			3 JORNALISMO NARRATIVO: MULTIVERSO DA EXISTÊNCIA HUMANA
		História do jornalismo	- José Marques de Melo - Nelson Werneck Sodré - Carlos Eduardo Lins da Silva - Manuel Castells	3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO JORNALISMO: A NARRATIVA COMO MEDIAÇÃO
		Transformações da comunicação		
		Jornalismo Literário Avançado	- Edvaldo Pereira Lima - Gustavo de Castro	3.2 O JORNALISMO LITERÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE
		Impactos da internet no jornalismo	- Bob Franklin - Silviu Greco - Bogdan Constantin Mihailescu - Simona Vranceanu - DOMINGO, David Domingo - Thorsten Quandt - Ari Heinonen - Steve Paulussen - Jane B. Singer - Marina Vujnovic	
	Apresentar pressupostos de amorosidade.			4 AMOROSIDADE E CONTEMPORANEIDADE
		Afetos e modos de existir	- Baruch Spinoza	4.1 A POTÊNCIA DO AFETO
		Afeto como força comunicacional	- Camila Carvalho de Melo - Humberto Maturana - Muniz Sodré	
		Ética dos encontros	- Baruch Spinoza - Humberto Maturana - Muniz Sodré	4.2 A DIMENSÃO FILOSÓFICA DA AMOROSIDADE: O SER-COM-O-OUTRO E O REENCONTRO COM O HUMANO
		Fragilidade dos vínculos	- Zygmunt Bauman	

	Analisar características do ecossistema jornalístico Sumaúma e verificar, nas produções narrativas de Sumaúma, sinalizadores de Jornalismo Narrativo e amorosidade.	Relação entre locutor e o outro	- Maria Luiza Cardinale Baptista - Humberto maturana	4.3 A DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA: CONHECER EM RELAÇÃO, COMUNICAR EM ALTERIDADE
		Linguagem como convivência	- Camila Carvalho de Melo	
		Ecologias comunicacionais	- Humberto Maturana - Muniz Sodré - Maria Luiza Cardinale Baptista - Camila Carvalho de Melo	4.4 A DIMENSÃO ECOSÓFICA: COMUNICAÇÃO, INTERDEPENDÊNCIA E ECOLOGIA DA EXISTÊNCIA
		Jornalismo como ato de cuidado	- Humberto Maturana - Maria Luiza Cardinale Baptista - Camila Carvalho de Melo	4.5 IMPLICAÇÕES PARA O JORNALISMO: A AMOROSIDADE COMO ÉTICA E ESTÉTICA DA ESCUTA
		Ética-estética da escuta	- Edvaldo Pereira Lima	5 ECOSSISTEMA JORNALÍSTICO SUMAÚMA: AFETIVIDADE E NARRATIVA COMO DISPOSITIVO DE ESCUTA
		Jornalismo amoroso	- Maria Luiza Cardinale Baptista - Camila Carvalho de Melo	5.1 SOBRE O ECOSSISTEMA JORNALÍSTICO SUMAÚMA
		Jornalismo Literário Avançado	- Edvaldo Pereira Lima	5.2 DESENVOLVIMENTO DA MATRIZ DE OBSERVAÇÃO
		Narrativas	- Walter Benjamin	5.3 APLICAÇÃO DA MATRIZ DE OBSERVAÇÃO NARRATIVA ÀS REPORTAGENS DO ECOSSISTEMA SUMAÚMA 5.3.1 Análise da reportagem 1: Nossos filhos estão nascendo apodrecidos. Será que as

				doenças estão fazendo isso com eles? 5.3.2 Análise da reportagem 2: O mundo de vocês, brancos, me deixa muito triste 5.3.3 Análise da reportagem 3: Os índios que não tinham nome 5.3.4 Análise da reportagem 4: Mariposa e eu não queremos sobreviver 5.3.5 Análise da reportagem 5: Raimundo quer um mundo em que os bebês-peixes possam nascer 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS
--	--	--	--	---

Fonte: Elaborada pela autora a partir de Baptista e Eme (2023).

2.2.4 Matriz 4: Coerência operacional e dinâmica da pesquisa - Capítulos

A quarta Matriz desempenha um papel estratégico no processo investigativo, pois se dedica à verificação da coerência operacional do trabalho, ou seja, à forma como a pesquisa se realiza no plano prático. Enquanto as matrizes anteriores enfatizam a trama conceitual, os nós investigativos e o diálogo bibliográfico, esta última concentra-se na dimensão metodológica e processual, examinando se os procedimentos adotados correspondem de maneira efetiva aos objetivos e caminhos delineados.

Associada diretamente à Trilha Usina de Produção, essa matriz traduz a investigação em práticas concretas, abrangendo desde a definição das estratégias de coleta e análise de dados até a organização das etapas de execução. Assim, sua função não é apenas registrar o “como fazer”, mas também avaliar se as escolhas metodológicas mantêm alinhamento com o foco do estudo e com a narrativa rizomática que orienta a pesquisa.

A coerência operacional se expressa, nesse sentido, como uma dinâmica viva, em constante negociação entre planejamento e execução. Ao verificar se as ações desenvolvidas correspondem às intenções teóricas e conceituais, a matriz assegura que o trabalho não se fragmente, mas permaneça integrado às tramas e rizomas previamente estabelecidos. Isso permite ao pesquisador ajustar percursos, redefinir estratégias e adotar soluções criativas diante de imprevistos, sem perder de vista a consistência geral da investigação.

Além disso, a Matriz 4 contribui para explicitar o movimento entre teoria e prática, fortalecendo a articulação entre os caminhos metodológicos, os objetivos

específicos e a materialização da pesquisa em capítulos, análises e resultados. É, portanto, um instrumento de acompanhamento contínuo, que confere maior transparência e reflexividade ao processo investigativo, ao mesmo tempo em que consolida a pesquisa como uma trama coerente de fazeres e saberes.

Apresenta-se, na tabela abaixo, a matriz que reúne os objetivos, os capítulos, trilhas teóricas e autores.

Quadro 4 — Matriz de Coerência Operacional e Dinâmica da Pesquisa

Objetivos Específicos	Lócus da Pesquisa [Ecossistema / Universo Investigado]	Fontes de Pesquisa [Lugares, Sujeitos, Materiais, Documentos, Bibliografia]	Aproximações e Ações Investigativas [Procedimentos de Pesquisa – Coleta e Processamento]	Recursos de Apresentação/ Descrição e Tratamento Reflexivo/Análise [Procedimentos e Descrição e Reflexão Analítica]	Capítulos e subcapítulos
	Ecossistema jornalístico Sumaúma	- Biblioteca Universitária - Repositórios de Teses e Dissertações - Bibliotecas Virtuais - Artigos	Aproximações: uso da perspectiva cartográfica, que privilegia profundidade e significado para além da linearidade. Aproximação ao objeto construído no percurso, permitindo que o método emergja junto com a pesquisa. Ações: cartografia bibliográfica ampla; organização rizomática dos saberes; estruturação das matrizes de pesquisa; definição das etapas de coleta e análise.	Elaboração de uma descrição analítica do percurso metodológico, enfatizando que a cartografia e o rizoma não funcionam como amarras, mas como modos de caminhar que permitem à pesquisa emergir conforme se desenrola. A apresentação valoriza o processo, a intuição e o entrelaçamento de saberes, explicando as escolhas narrativas, afetivas e epistemológicas que sustentam a investigação.	1 INTRODUÇÃO 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS 2.1 A CARTOGRAFIA DOS SABERES COMO ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA 2.1.1 A trama dos entrelaços 2.1.2 Saberes pessoais ou dimensão subjetiva 2.1.3 Saberes teóricos ou trama conceitual-bibliográfica 2.1.4 Laboratório de pesquisa ou usina de fazeres 2.1.5 Pensamentos picados ou dimensão intuitiva 2.2 MATRIZES RIZOMÁTICAS COMO BÚSSOLA DE PESQUISA 2.2.1 Matriz 1: Trama e rizomas – Verificação da coerência da pesquisa 2.2.2 Matriz 2: Detalhamento do rizoma. Relação ‘entrelaços nós’, objetivos, capítulos e subcapítulos 2.2.3 Matriz 3: Composição – trama teórico-conceitual-bibliográfica da pesquisa

Discutir características de narrativas jornalísticas.		- Biblioteca Universitária - Repositórios de Teses e Dissertações - Bibliotecas Virtuais - Artigos	Aproximações: aproximação histórica e conceitual ao jornalismo narrativo para compreender sua potência humana e interpretativa. Caminhada exploratória que retoma origens, rupturas e transformações sem buscar uma linearidade histórica rígida. Ações: levantamento crítico de autores clássicos e contemporâneos; construção de uma linha interpretativa sobre narrativa, experiência e mediação; mapeamento conceitual do campo.	Construção de um texto interpretativo que articula teoria e prática, situando o jornalismo narrativo como alternativa à superficialidade informativa contemporânea. O capítulo descreve e analisa autores-chave para mostrar que a narrativa não apenas informa, mas produz sentidos, experiências e encontros com o outro. A reflexão evidencia o porquê esse tipo de jornalismo é essencial para compreender realidades complexas como a amazônica.	2.2.4 Matriz 4: Coerência operacional e dinâmica da pesquisa – Capítulos 2.3 PARA A ANÁLISE, O DIÁLOGO COM PÁGINAS AMPLIADAS 2.4 A ANÁLISE NARRATIVA COMO PROCEDIMENTO 2.5 AMOROSIDADE COMO HORIZONTE METODOLÓGICO 3 JORNALISMO NARRATIVO: MULTIVERSO DA EXISTÊNCIA HUMANA 3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO JORNALISMO: A NARRATIVA COMO MEDIAÇÃO 3.2 O JORNALISMO LITERÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE
Apresentar pressupostos de amorosidade.		- Biblioteca Universitária - Repositórios de Teses e Dissertações - Bibliotecas Virtuais - Artigos	Aproximações: aproximação às dimensões filosófica, epistemológica e ecosófica da amorosidade, compreendendo-a como categoria relacional e comunicacional. Caminho interpretativo que se expande conforme os conceitos se entrelaçam com a pesquisa. Ações: cartografia teórica da	Desenvolvimento de análise teórica aprofundada, relacionando diferentes autores para compreender a amorosidade como ética, filosofia, epistemologia e ecosofia. O texto articula as dimensões da amorosidade com a prática comunicacional, apresentando trechos explicativos e reflexões próprias, mostrando como a teoria ilumina o	4 AMOROSIDADE E CONTEMPORANEIDADE 4.1 A POTÊNCIA DO AFETO 4.2 A DIMENSÃO FILOSÓFICA DA AMOROSIDADE: O SER-COM-O-OUTRO E O REENCONTRO COM O HUMANO 4.3 A DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA: CONHECER EM RELAÇÃO, COMUNICAR EM ALTERIDADE 4.4 A DIMENSÃO ECOSÓFICA:

Analisar características do ecossistema jornalístico Sumaúma e verificar, nas produções narrativas de Sumaúma, sinalizadores de Jornalismo Narrativo e amorosidade.		- Biblioteca Universitária - Repositórios de Teses e Dissertações - Bibliotecas Virtuais - Artigos - Reportagens	amorosidade; análise dos conceitos em diferentes autores; organização da trama conceitual por dimensões (afeto, filosofia, epistemologia, ecosofia); articulação com o jornalismo. Aproximações: aproximação às dimensões filosófica, epistemológica e ecosófica da amorosidade, compreendendo-a como categoria relacional e comunicacional. Caminho interpretativo que se expande conforme os conceitos se entrelaçam com a pesquisa. Ações: cartografia teórica da amorosidade; análise dos conceitos em diferentes autores; organização da trama conceitual por dimensões (afeto, filosofia, epistemologia, ecosofia); articulação com o jornalismo.	entendimento da comunicação afetiva e relacional. Apresentação das reportagens analisadas com base em texto dissertativo, articulando descrição narrativa e interpretação crítica. A análise utiliza a matriz elaborada pela pesquisa para observar elementos como experiência, vozes, temporalidade e afetividade. A escrita combina descrição detalhada das cenas narrativas com reflexão teórico-metodológica para mostrar como a Sumaúma constrói um jornalismo sensível, situado e relacional.	COMUNICAÇÃO, INTERDEPENDÊNCIA E ECOLOGIA DA EXISTÊNCIA 4.5 IMPLICAÇÕES PARA O JORNALISMO: A AMOROSIDADE COMO ÉTICA E ESTÉTICA DA ESCUTA 5 ECOSSISTEMA JORNALÍSTICO SUMAÚMA: AFETIVIDADE E NARRATIVA COMO DISPOSITIVO DE ESCUTA 5.1 SOBRE O ECOSSISTEMA JORNALÍSTICO SUMAÚMA 5.2 DESENVOLVIMENTO DA MATRIZ DE OBSERVAÇÃO 5.3 APLICAÇÃO DA MATRIZ DE OBSERVAÇÃO NARRATIVA ÀS REPORTAGENS DO ECOSSISTEMA SUMAÚMA 5.3.1 Análise da reportagem 1: Nossos filhos estão nascendo apodrecidos. Será que as doenças estão fazendo isso com eles? 5.3.2 Análise da reportagem 2: O mundo de vocês, brancos, me deixa muito triste 5.3.3 Análise da reportagem 3: Os índios que não tinham nome 5.3.4 Análise da reportagem 4: Mariposa e eu não queremos sobreviver 5.3.5 Análise da reportagem 5: Raimundo quer um mundo em que os bebês-peixes possam nascer 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS
--	--	--	--	---	---

Fonte: Elaborada pela autora a partir de Baptista e Eme (2023).

Assim, as matrizes se estabelecem como bússola investigativa, garantindo coerência metodológica e clareza de percurso, mas sem reduzir a pesquisa a um roteiro fixo. Ao contrário, permite articular os saberes pessoais, teóricos, práticos e intuitivos em um movimento vivo, que assegura rigor acadêmico e, ao mesmo tempo, legitima a fluidez e a abertura às emergências do campo.

2.3 PARA A ANÁLISE, O DIÁLOGO COM PÁGINAS AMPLIADAS

No campo do Jornalismo Narrativo, a obra *Páginas Ampliadas* (LIMA, 2009) constitui uma referência central para compreender a articulação entre rigor informativo e expressão literária. Lima propõe que o Jornalismo Literário não se limita à transmissão de dados objetivos, mas se estende à criação de experiências de leitura que envolvem sentidos, emoções e temporalidades múltiplas. Nesse sentido, a reportagem deixa de ser um mero registro factual e torna-se espaço de encontro entre jornalista e leitor, mediando relações afetivas e cognitivas.

Num primeiro movimento, o jornalismo bebe na fonte da literatura. Num segundo, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem — com sabor literário — dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade (Lima, 2009, p. 177-178).

A análise proposta por Lima (2009) permite perceber um duplo movimento: de um lado, o jornalismo se apropria de recursos estilísticos da literatura para enriquecer sua expressividade; de outro, a literatura contemporânea também passa a aprender com o jornalismo, apropriando-se de sua objetividade e de sua capacidade de lidar com a experiência concreta. Essa via de mão dupla evidencia que a narrativa jornalística não é apenas derivativa, mas também inovadora, capaz de devolver à literatura novas formas de contato com o real.

Essa concepção aproxima-se do movimento cartográfico descrito por Baptista (in Baptista; Eme, 2023), que valoriza a escuta, a sensibilidade e a experiência subjetiva do pesquisador como dimensões centrais do conhecimento. A prática jornalística, quando vista por essa lente, pode ser entendida como um campo em que narrar é também mapear afetos, percepções e vínculos sociais. Assim como o cartógrafo dos saberes não se limita a aplicar categorias prévias, mas acompanha

as linhas de força que emergem da experiência, o jornalista narrativo se desloca pelo território factual identificando vozes, contextos e sentidos que não se deixam reduzir a dados brutos.

Nesse encontro entre Lima (2009) e Baptista (in Baptista; Eme, 2023), o Jornalismo Narrativo se revela como prática relacional e afetiva. Mais do que relatar, ele organiza experiências de encontro, oferecendo ao leitor não apenas informações, mas também a possibilidade de habitar mundos distintos e de se reconhecer na alteridade. O gesto de narrar, nesse contexto, torna-se simultaneamente exercício de rigor, escuta e cuidado, instaurando um espaço de coautoria entre repórter, fontes e público.

Ao aplicar essa perspectiva às reportagens de Sumaúma, observa-se que os textos não funcionam apenas como veículos de informação, mas como territórios de experiência compartilhada. O jornalista assume uma postura semelhante à do cartógrafo dos saberes: desloca-se pelo material, identifica trilhas interpretativas, reconhece a presença de vozes diversas e constrói significados que emergem do encontro entre conteúdo, contexto e afetividade. A análise, portanto, não se limita a categorias predefinidas, mas busca compreender a narrativa em seus desdobramentos sensíveis, captando os gestos de cuidado e atenção às experiências humanas.

Essa aproximação evidencia que os princípios do Jornalismo Narrativo propostos por Lima (2009) podem ser articulados a práticas metodológicas que valorizam o subjetivo e o relacional. Ao observar como as reportagens incorporam descrições detalhadas, humanizam fontes e escutam conflitos sociais e ambientais, reconhece-se a operação de um jornalismo que é simultaneamente literário, ético e afetivo. A obra de Lima, nesse sentido, fornece ferramentas conceituais para interpretar como a narrativa jornalística atua como mediadora de vínculos, tornando-se, assim, um espaço de construção de sentido compartilhado.

Entendendo a reportagem como a ampliação da notícia, a horizontalização do relato — no sentido da abordagem extensiva em termos de detalhes — e também sua verticalização — no sentido de aprofundamento da questão em foco, em busca de suas raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis (Lima, 2009, p. 26).

Além disso, a leitura de *Páginas Ampliadas* permite refletir sobre a dimensão estética da reportagem, isto é, sobre como escolhas de estilo, ritmo e perspectiva

narrativa podem amplificar a experiência emocional do leitor. Ao cruzar essa perspectiva com a Cartografia dos Saberes, emerge um panorama metodológico no qual a análise não é apenas técnica ou formal, mas também sensível às intensidades afetivas e à potência relacional das narrativas.

2.4 A ANÁLISE NARRATIVA COMO PROCEDIMENTO

A análise narrativa adotada nesta pesquisa vai além de um procedimento técnico de categorização textual, posicionando-se como uma prática interpretativa que busca compreender como o jornalismo de Sumaúma organiza experiências, sentidos e afetos. Inspirando-se em Bruner (1997), entende-se que a narrativa é uma forma fundamental de dar sentido à experiência humana, funcionando como mediadora entre o vivido e o compartilhado. A narrativa permite não apenas registrar fatos, mas articular contextos, memórias e perspectivas que configuram a experiência social e subjetiva.

Benjamin (1987) complementa essa perspectiva ao afirmar que narrar implica partilhar experiências, transformando-as em patrimônio coletivo e em espaço de aprendizagem e reconhecimento.

Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos (Benjamin, 1987, p. 200).

Essa dimensão se aproxima da Cartografia dos Saberes (Baptista; Eme, 2023), na medida em que o investigador, ao analisar a narrativa, percorre trilhas interpretativas que emergem do diálogo entre o texto jornalístico, sua própria experiência e o contexto social das reportagens. Nesse percurso, a análise narrativa não se limita a descrições superficiais; envolve sensibilidade, escuta ativa e atenção aos deslocamentos afetivos presentes nos relatos.

Aplicada às reportagens de Sumaúma, a análise narrativa concentra-se em identificar os mecanismos que permitem a construção de vínculos entre leitor, sujeito narrado e jornalista, considerando elementos como:

- construção de cenas e detalhamento descritivo, que permitem a imersão do leitor e a visualização de contextos sociais e ambientais;

- humanização das fontes, aproximando o público de histórias e vivências frequentemente marginalizadas;
- sensibilidade diante de conflitos e tensões, refletindo o cuidado ético do jornalista com os sujeitos e situações abordadas;
- valorização de vozes historicamente silenciadas, reconhecendo a dimensão política e social da narrativa jornalística.

Essa abordagem evidencia que a análise narrativa é inseparável de uma postura ética e afetiva do pesquisador, que se engaja em uma leitura que respeita a complexidade do objeto investigado. Nesse sentido, dialoga com Lima (2009), que aponta para o Jornalismo Literário como espaço de experimentação estética e de compartilhamento de sentidos, e com a Cartografia dos Saberes proposta por Baptista (in Baptista; Eme, 2023), que valoriza a mobilidade interpretativa, a atenção às emergências e a construção de mapas de compreensão flexíveis e situados.

2.5 AMOROSIDADE COMO HORIZONTE METODOLÓGICO

A amorosidade, como princípio metodológico e ético, constitui um eixo de orientação para esta pesquisa, complementando as abordagens da Cartografia dos Saberes (Baptista; Eme, 2023) e do Jornalismo Narrativo. Melo (2025) propõe que a amorosidade atua como dispositivo relacional que potencializa ecossistemas comunicacionais, instaurando relações baseadas em cuidado, escuta e reconhecimento mútuo. Assim, a análise jornalística passa a considerar não apenas a dimensão informativa, mas também os vínculos que o texto estabelece entre sujeitos, contextos e leitores.

Este aspecto é importante para esta discussão, pois faz parte do resgate dos sentidos. Trata-se de olhar para a jornada, para o caminho, para o processo que fez a cidade se tornar o que é hoje. Ajuda a entender que este lugar foi construído por pessoas, com histórias diferentes em momentos diferentes, que tiveram um papel nesta construção, incluindo, é claro, os moradores da cidade. Uma história que ainda não terminou de ser contada, e que, na medida em que é resgatada, valoriza os sujeitos que nela vivem hoje e contribui para a valorização da própria cidade (Melo, 2025, p. 91).

Ao incorporar a amorosidade como pressuposto conceitual e metodológico, a pesquisa reconhece que o jornalismo de Sumaúma realiza uma prática de construção de pertencimento e afetividade. Isso se manifesta na forma como os

textos escutam vozes diversas, respeitam trajetórias e sensibilidades, e permitem a emergência de narrativas que dialogam com experiências de resistência e pertencimento. Nesse sentido, a amorosidade aproxima-se da Cartografia dos Saberes ao legitimar a intuição, o cuidado e o engajamento afetivo do pesquisador como parte integrante do processo investigativo.

Além disso, ao cruzar a perspectiva da amorosidade com os princípios do Jornalismo Literário Avançado de Lima (2009), percebe-se que a experiência estética e o cuidado com o outro não são dimensões separadas da prática jornalística, mas elementos constitutivos de sua eficácia comunicacional. O ato de narrar torna-se, assim, mediador de vínculos: a reportagem não apenas informa, mas promove reconhecimento, empatia e acolhimento, o que torna a prática jornalística inseparável das dimensões ética e relacional.

Sob tais lentes, a amorosidade complementa a análise narrativa, oferecendo um olhar sensível às nuances afetivas presentes no texto, e reforça o caráter relacional da pesquisa: compreender Sumaúma é compreender não apenas o conteúdo das reportagens, mas também as formas pelas quais elas produzem experiências compartilhadas e mobilizam afetos. Ela legitima a atenção à subjetividade, à estética, à escuta e ao cuidado, consolidando um marco metodológico que integra ética, afetividade e sensibilidade interpretativa.

3 JORNALISMO NARRATIVO: MULTIVERSO DA EXISTÊNCIA HUMANA

A revolução digital trouxe transformações estruturais e conceituais à Comunicação e ao jornalismo, que vão muito além da simples adoção de novas tecnologias. O advento da internet, aliado à popularização de dispositivos móveis e das redes sociais, não apenas ampliou o alcance das informações, mas alterou radicalmente a maneira como elas são produzidas, distribuídas e interpretadas. Antes, o jornalismo se baseava em ciclos de produção mais longos e uma circulação limitada; atualmente, as notícias circulam de forma contínua, simultânea e global, gerando uma hiperconectividade que transforma cada indivíduo em receptor ativo e disperso ao mesmo tempo. A informação deixou de ser linear ou hierárquica e se transformou em uma rede complexa de fragmentos concorrentes, nos quais a atenção do público se dispersa rapidamente. Essa fragmentação contribui para a efemeridade das notícias, muitas vezes pautadas pela imediatidade, pelo sensacionalismo e pela lógica de cliques, em detrimento da reflexão crítica e da construção de sentido duradouro.

Diante desse cenário, o jornalismo contemporâneo não pode se restringir à função tradicional de transmitir fatos. Ele precisa assumir um papel de mediação complexa, capaz de organizar informações, contextualizar acontecimentos e criar vínculos cognitivos e afetivos com o leitor. O Jornalismo Narrativo, ou Literário, surge como resposta a essas demandas, aliando rigor investigativo e técnicas de escrita literária para tornar a notícia não apenas compreensível, mas experienciável. Manuel Castells (1999) enfatiza a transformação comunicacional contemporânea:

O surgimento da sociedade em rede, que tentarei analisar nos capítulos seguintes deste volume, não pode ser entendido sem a interação entre estas duas tendências relativamente autônomas: o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e a tentativa da antiga sociedade de reaparecer-se com o uso do poder da tecnologia para servir a tecnologia do poder. Contudo, o resultado histórico dessa estratégia parcialmente consciente é muito indeterminado, visto que a interação da tecnologia e da sociedade depende de relações fortuitas entre um número excessivo de variáveis parcialmente independentes. Sem necessidade de render-se ao relativismo histórico, pode-se dizer que a revolução da tecnologia da informação dependeu cultural, histórica e espacialmente de um conjunto de circunstâncias muito específicas cujas características determinaram sua futura evolução (Castells, 1999, p.98-99).

A análise de Castells evidencia que a comunicação digital exige estratégias jornalísticas que integrem interpretação, escuta e mediação de sentidos, funções

que estão no cerne do Jornalismo Narrativo. Indiretamente, percebe-se que a simples transmissão factual não atende às demandas cognitivas e emocionais do público contemporâneo, que precisa de narrativas capazes de criar contexto, significados e conexões. Nesse contexto, os formatos tradicionais de boletins curtos, pautados na objetividade operacional, frequentemente se mostram insuficientes.

Estudos recentes do artigo de Grecu *et al* (2025), sobre o consumo de mídia e a qualidade de conteúdo, indicam que, diante da saturação informacional e da crescente fragmentação da atenção, o público contemporâneo procura conteúdos que transcendam a mera notícia, oferecendo profundidade interpretativa, análise crítica, dimensão humana e contextualização histórica, elementos que constituem a essência do Jornalismo Narrativo. Esse tipo de narrativa vai além da simples exposição de fatos, articulando informações de maneira que permitam ao leitor compreender as relações causais, os impactos sociais e as implicações políticas de um evento, proporcionando um panorama mais amplo da realidade. Ao integrar dados, testemunhos, histórico e interpretação, a narrativa jornalística funciona como uma ferramenta de resistência à superficialidade e ao imediatismo impostos pela lógica digital, que privilegia o consumo rápido e a notícia efêmera.

Além disso, a narrativa jornalística cria espaços de reflexão e interpretação, permitindo que o leitor desenvolva um olhar crítico sobre os acontecimentos, que se manifestam além da informação factual, mas desenrola-se num espectro narrativo que convida o interlocutor a experienciar a história contada.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele (Benjamin, 1987, p. 205).

De forma indireta, isso sugere que a narrativa não apenas transmite informação, mas promove uma aprendizagem social e cultural, conectando fatos e experiências individuais ao tecido mais amplo da sociedade. Ao construir contexto e perspectiva, a narrativa jornalística contribui para a formação de memória coletiva, permitindo que o público registre e compreenda acontecimentos complexos de forma mais integrada. Essa função de preservação da memória torna-se ainda mais relevante em uma era em que a circulação veloz de informações tende a fragmentar e diluir o significado das notícias.

A narrativa jornalística, portanto, atua como mediadora entre o fato e a interpretação do leitor, transformando a informação em experiência significativa, capaz de gerar engajamento crítico e empático. Indiretamente, autores como Castells (1999) e Benjamin (1987) reforçam que, em sociedades altamente conectadas, a capacidade de selecionar, recompor e interpretar informações torna-se central para a formação de cidadãos críticos e conscientes, mostrando que a narrativa não é apenas estilística, mas epistemológica. Em síntese, o Jornalismo Narrativo oferece ao público uma forma de compreensão profunda, equilibrando rigor informativo e sensibilidade interpretativa, consolidando-se como instrumento vital para que os indivíduos construam sentido e memória dentro do contexto social e histórico mais amplo.

Bauman (2004) reforça esse ponto ao discutir os efeitos da modernidade líquida sobre informação e vínculos sociais.

A líquida sociedade moderna descobriu uma forma de explorar a propensão/receptividade humana a sublimar os instintos sexuais sem recorrer à repressão, ou pelo menos limitando-a radicalmente. Isso aconteceu graças à progressiva desregulação do processo sublimatório, agora difuso e disperso, o tempo todo mudando de direção e guiado pela sedução dos objetos de desejo sexual em oferta, e não por quaisquer pressões coercitivas (Bauman, 2004, p. 59).

Nesse cenário, o Jornalismo Narrativo surge como um contraponto à volatilidade típica da modernidade líquida. Ele oferece ao público uma forma de compreensão profunda, equilibrando rigor informativo e sensibilidade interpretativa, consolidando-se como instrumento vital para que os indivíduos construam sentido e memória dentro do contexto social e histórico mais amplo. Ao transformar fatos e acontecimentos em experiências significativas, o Jornalismo Narrativo permite ao leitor engajar-se com a realidade de maneira mais reflexiva e humanizada.

Além de reconectar leitor e notícia, o Jornalismo Narrativo cumpre função pedagógica e ética. Ele ensina o público a interpretar, questionar e relacionar informações, promovendo uma leitura crítica e reflexiva. Ao mesmo tempo, permite ao jornalista explorar linguagens, estruturas e estilos, aproximando a produção jornalística de técnicas literárias e oferecendo espaço para experimentação ética.

Lima (2009) ressalta que a integração entre técnica jornalística e sensibilidade narrativa permite que o leitor se envolva com o conteúdo de forma profunda, passando de consumidor de dados a co-participante da experiência informativa. Nesse modelo, o jornalismo deixa de ser um ato unilateral de transmissão e

transforma-se em um diálogo constante entre jornalista, notícia e público, promovendo empatia, reflexão crítica e construção de sentido coletivo.

Benjamin (1987) complementa essa perspectiva ao discutir a experiência do leitor de romances, observando que:

Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia. Mas o leitor de um romance é solitário. Mais solitário que qualquer outro leitor [...] Nessa solidão, o leitor do romance se apodera ciosamente da matéria de sua leitura. Quer transformá-la em coisa sua, devorá-la, de certo modo. Sim, ele destrói, devora a substância lida, como o fogo devora lenha na lareira. A tensão que atravessa o romance se assemelha muito à corrente de ar que alimenta e reanima a chama (Benjamin, 1987, p. 213).

A experiência literária reforça a ideia de que a narrativa não se limita à transmissão de informações, mas compartilha experiências vividas, promovendo memória, apropriação e sentido individual.

Na era da comunicação digital, o Jornalismo Narrativo enfrenta novos desafios metodológicos e éticos. A velocidade das notícias exige decisões rápidas, mas a narrativa jornalística propõe pausas reflexivas, permitindo que os acontecimentos sejam contextualizados, analisados e apresentados com densidade. Nesse sentido, o Jornalismo Narrativo funciona como instrumento de mediação social, oferecendo ao público não apenas informações, mas também tempo, atenção e significado — elementos escassos em meio à saturação informacional. Ao contrário do jornalismo convencional, que muitas vezes prioriza a objetividade operacional e a transmissão imediata de fatos, o Jornalismo Narrativo possibilita que o leitor absorva, interprete e conecte as informações a contextos mais amplos.

Dessa forma, a narrativa jornalística não apenas informa, mas humaniza a experiência do leitor, promovendo engajamento crítico, ético e estético. Ela fortalece a capacidade de formar julgamentos informados, perceber relações sociais, políticas e culturais subjacentes às notícias e construir memória coletiva, funcionando como resistência à superficialidade e como ferramenta de compreensão histórica na modernidade líquida de Bauman (2004).

Ao estabelecer modos de leitura que integram dados, análise crítica e experiência subjetiva, o Jornalismo Narrativo cria vínculos mais duradouros entre público e informação, favorecendo a retenção de conhecimento e a construção de memória coletiva. Nesse sentido, ele atua como ponte entre o presente e o passado, pois a narrativa não se limita ao registro factual, mas contextualiza acontecimentos

em processos históricos mais amplos, permitindo que os leitores percebam padrões, continuidades e rupturas sociais. Indiretamente, isso evidencia o potencial do Jornalismo Narrativo como ferramenta pedagógica e cultural, capaz de reconectar indivíduos a dimensões temporais e espaciais da realidade social, ampliando o entendimento sobre acontecimentos complexos e interdependentes.

Ademais, é importante ressaltar que a revolução digital não elimina o valor do Jornalismo Narrativo; ao contrário, aumenta sua necessidade. O excesso de dados, a volatilidade das notícias e a fragmentação da atenção tornam ainda mais relevante a construção de narrativas profundas, contextualizadas e sensíveis. Nesse sentido, o Jornalismo Narrativo atua como ponte entre leitor, jornalista e realidade social, fortalecendo a compreensão crítica e preparando o caminho para a análise histórica detalhada que será apresentada no próximo capítulo sobre a evolução do jornalismo no Brasil.

3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO JORNALISMO: A NARRATIVA COMO MEDIAÇÃO

A trajetória histórica do jornalismo brasileiro evidencia que a narrativa sempre desempenhou papel central, mesmo em períodos marcados pela busca de objetividade formal. Desde o século XIX, a imprensa se constituiu como arena de disputa simbólica, articulando interesses políticos, sociais e culturais, enquanto mediava experiências individuais e coletivas.

É fácil avaliar a terrível força da engrenagem que se compõe de agências de notícias, agências de publicidade e cadeias de jornais e revistas, sua influência política, sua capacidade de modificar a opinião, de criar e manter mitos ou de destruir esperanças e combater aspirações. Quando se verifica que essa gigantesca engrenagem é simples parafuso de engrenagem maior, a que pertence, do capitalismo monopolista, ainda mais fácil é estimar o seu alcance e poder (Sodré, 1999, p. 6).

Essa perspectiva evidencia que a narrativa jornalística do período não se restringia à descrição de fatos: ela interpretava, media e construía sentidos coletivos, funcionando como ponte entre realidade social e percepção individual. Exemplos como o *Correio Braziliense*, de Hipólito da Costa, e a *Gazeta do Rio de Janeiro* ilustram a dualidade entre crítica investigativa e legitimação do poder. Essa alternância demonstra que a narrativa integrava simultaneamente crítica e

legitimação, resistência e manutenção da ordem, funcionando como mediadora de experiências sociais.

Marques de Melo reforça que os jornais do século XIX foram espaços de articulação ideológica, permitindo a circulação de discursos abolicionistas, republicanos e modernizadores.

[...] a implantação da imprensa não constituiu uma iniciativa isolada, mas vinculou-se a um complexo de medidas governamentais capazes de proporcionar o apoio infraestrutural para a normalização das atividades da Coroa Portuguesa, aqui instalada de modo provisório (Marque de Melo, 2003, p.88).

Jornalistas como José do Patrocínio e Rui Barbosa, por exemplo, atuaram como intelectuais públicos, articulando imprensa, política e sociedade. Mesmo com a adoção do modelo norte-americano de objetividade no início do século XX, práticas interpretativas persistiram, revelando a tensão histórica entre formalismo objetivo e construção de sentidos sociais.

O mau funcionamento das instituições públicas faz com que eventuais trabalhos de investigação jornalística no Brasil acabem caindo no vazio, não resultando em nada, ao contrário do que ocorre nos EUA. [...] No Brasil, casos de fraude comprovada, como escândalo da ferrovia Norte-Sul, revelado pelo jornalista Janio de Freitas na *Folha de S.Paulo* em 1987, terminaram em sindicâncias ou comissões de inquérito que não acham culpados e tudo fica por isso mesmo: da próxima vez, tenta-se tomar mais cuidado para que vazamentos de informação não ocorram. [...] O Legislativo brasileiro não cumpre a sua parte. Nem o Judiciário, que já chegou a condenar o jornalista que publicou a notícia do crime em vez do criminoso. [...] (Silva, 1991, p.100 - 101).

Essa constatação evidencia que a narrativa continuou funcionando como mediadora de experiências, contextualizando fatos e articulando sentidos sociais, históricos e culturais. Assim, ao conectar acontecimentos à experiência do leitor, a narrativa transforma informação em memória coletiva, oferecendo um registro interpretativo que transcende a mera crônica factual.

Durante a ditadura militar (1964–1985), a narrativa se consolidou como instrumento de resistência e construção de memória social. Veículos alternativos como *O Pasquim* e *Opinião* recorreram a humor, ironia e experimentação narrativa para contornar a censura, criando sentidos críticos e memória coletiva.

A partir de 1827, aprofundando-se ano a ano, os periódicos dividem-se, quanto à orientação, refletindo a realidade. Como as forças políticas cindem-se, caracterizando os três componentes principais — direita conservadora, direita liberal e esquerda liberal — a imprensa acompanha a cisão. Na esquerda liberal recrutam-se alguns dos maiores jornalistas da

época e surge o pasquim com fisionomia própria.⁷² Na direita conservadora alinham-se os órgãos da imprensa áulica, agora conhecida como absolutista, tendo à frente, na Côrte, o Diário Fluminense e contando com o Jornal do Comércio e com O Analista como acompanhantes principais. Não faltava a essa corrente, assim, o concurso de jornalistas estrangeiros, nem de jornais estrangeiros aqui publicados: o *Courrier dit Brésil*, por exemplo, francamente empenhado na política interna do país (Sodré, 1999, p.127-128).

Essa dimensão política e estética evidencia que a narrativa não apenas informa, mas atua como instrumento de preservação cultural e engajamento social. Práticas de narrativa em contextos de opressão demonstram que a memória social e histórica depende de estratégias jornalísticas que combinem interpretação, experiência e registro crítico.

De forma indireta, Edvaldo Pereira Lima (2009) argumenta que o Jornalismo Narrativo, ao integrar emoção, contexto histórico e construção de personagens, promove uma compreensão mais profunda da realidade, funcionando como ferramenta de mediação entre os acontecimentos e a percepção subjetiva do leitor. Essa perspectiva evidencia que a narrativa não é apenas recurso estilístico, mas estratégia epistemológica e ética, permitindo que a imprensa transforme eventos dispersos em experiência significativa e memória social duradoura.

Autores como Castro (2010) apontam que o Jornalismo Literário cumpre função pedagógica e ética:

Jornalismo Literário é, portanto, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano. É, por isso mesmo, um tipo específico do fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo: diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingue-pongues, crônicas, matérias informativas convencionais, relatos na primeira pessoa, notinhas, cartas, ensaios, artigos, fragmentos, tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar com *talento, engenho e bom senso* (Castro, 2010, p. 5).

Essa dimensão reforça o caráter de mediação social da narrativa, pois ensina o público a interpretar informações, relacionar eventos e contextualizar fatos dentro de processos históricos e sociais mais amplos. A narrativa jornalística, portanto, atua como ferramenta de construção de memória coletiva e de mediação crítica entre jornalistas, leitores e sociedade.

Ademais, a narrativa jornalística contemporânea assume um papel estratégico diante da fragmentação informacional imposta pela comunicação digital, caracterizada por excesso de dados, notícias instantâneas e consumo superficial. Nesse cenário, textos jornalísticos de maior densidade, como reportagens de

profundidade e narrativas literárias, não apenas transmitem informações, mas atuam como instrumentos de mediação, permitindo ao leitor organizar, interpretar e contextualizar os acontecimentos. Segundo Meyer:

Dados brutos por si só nunca são suficientes. Para serem úteis, para serem compreendidos, os dados precisam ser processados, abstraídos e encaixados em algum tipo de estrutura. É preciso inserir o material em uma estrutura mental que auxilie na interpretação e na compreensão (2015, p. 7, tradução livre).¹

Assim, o autor complementa:

[...] a lição para futuros jornalistas de precisão: gerar pilhas de descrições não é suficiente. Assim como contadores de histórias precisam de enredos para sustentar suas descrições, cientistas sociais e jornalistas especializados precisam de teorias para dar aos seus dados o seu significado mais completo (MEYER, 2015, p. 16, tradução livre).²

Franklin (2019), sobre o futuro do jornalismo, reforça que narrativas que combinam relato factual, contexto histórico e interpretação oferecem aos leitores ferramentas para compreender impactos sociais e políticos de eventos complexos. Ao contrário de boletins curtos ou *feeds* de notícias, que fragmentam a percepção e reduzem acontecimentos a dados isolados, a narrativa jornalística cria uma experiência interpretativa contínua, fortalecendo a memória coletiva e promovendo reflexão crítica.

Neste sentido:

O jornalismo desempenha um papel fundamental nas democracias em todo o mundo, atuando como um fiscalizador do Estado e informando os cidadãos sobre as decisões que afetam sua vida cotidiana. Mas os jornalistas enfrentam uma série de novas ameaças que limitam sua capacidade de cumprir seu papel de fiscalizador. Em um cenário de mídia cada vez mais orientado pelo mercado, os recursos de que os jornalistas dispõem para escutinar as elites políticas e expor irregularidades são cada vez mais escassos em contextos locais, nacionais e internacionais. Com cortes no serviço público de radiodifusão e uma concentração da propriedade da mídia, por exemplo, o fornecimento de informações sobre política local e assuntos públicos está ameaçado (Franklin 2019, p.5 - 6, tradução livre).³

¹ Tradução livre do original: *Raw data alone are never enough. To be useful, to be understood, data have to be processed, abstracted, and fitted into some kind of structure. The material has to be put into a mental framework that aids interpretation and understanding* (Meyer, 2015, p.7).

² Tradução livre do original: [...] *the lesson for future precision journalists: generating piles of descriptions is not enough. Just as storytellers need plots to support their descriptions, social scientists and specialized journalists need theories to give their data their fullest meaning* (Meyer, 2015, p. 16).

³ Tradução livre do original: *Journalism plays a key role in democracies around the world, acting as a watchdog on the state and informing citizens about the decisions that affect their everyday life. But journalists face a number of new threats that limit their ability to fulfil their watchdog role. In an increasingly market-driven media landscape, the resources journalists have to scrutinise political elites and expose wrongdoing are increasingly diminished in local, national and international contexts. With cuts to public service broadcasting and a concentration of media ownership, for example, the provision of information about local politics and public affairs is threatened* (Franklin, 2019, p. 5–6).

Além do aspecto informativo, a narrativa jornalística contemporânea valoriza a dimensão humana da notícia. A utilização de personagens, testemunhos diretos e múltiplas perspectivas permite ao leitor perceber a experiência de diferentes sujeitos e compreender o evento em sua complexidade, como observam Kovach e Rosenstiel (2004):

Todas as formas utilizadas quotidianamente pelos jornalistas podem servir a função de criação de um fórum, pois alertam o público para as questões através de uma abordagem que incentiva a capacidade crítica. A curiosidade natural da espécie humana faz com que o jornalismo, através de um relato detalhado de acontecimentos planejados, da revelação de injustiças ou da identificação de uma tendência em desenvolvimento, leve as pessoas a inquirirem e a quererem saber mais. À medida que o público começa a reagir a estas revelações, a sua voz alastra-se na comunidade - em programas de rádio com a participação do público, *talk shows* televisivos, comentários pessoais em colunas e artigos de opinião. À medida que estas vozes são escutadas pelos responsáveis no poder, obrigam-nos a perceber a natureza da opinião pública que se desenvolve em torno do assunto (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 139).

Essa abordagem contribui para a construção de memória social e histórica, pois transforma relatos de eventos isolados em narrativas contínuas, que preservam interpretações coletivas e fornecem contexto para compreensão de longo prazo.

Essa dinâmica, contudo, já esteve presente em contextos anteriores, quando a circulação de notícias ocorria em redes interpessoais fragmentadas, nas quais a distribuição e a interpretação da informação dependiam fortemente de vínculos pessoais e circunstâncias locais, e apenas raramente havia interações informacionais entre diferentes comunidades. Em contraste, Domingo *et al* (2008) observam que, em ambientes digitais, o Jornalismo Narrativo funciona como mecanismo de filtragem e organização da informação, permitindo que o leitor reconstrua causalidades e relações entre acontecimentos e estruturas sociais. Ao integrar fatos, análise crítica e contexto histórico, o Jornalismo Narrativo oferece tempo de leitura e reflexão, recuperando a atenção do público e promovendo engajamento intelectual e emocional.

Nesse sentido, a narrativa jornalística contemporânea atua como mediadora de sentidos e experiências, oferecendo ao leitor não apenas informações imediatas, mas interpretação e compreensão contextualizada, criando vínculos duradouros e promovendo reflexão sobre acontecimentos históricos e sociais. Ela se apresenta, portanto, como uma ferramenta indispensável para enfrentar a superficialidade e efemeridade da comunicação digital, permitindo que o público perceba conexões

entre eventos, impactos e estruturas sociais, fortalecendo a função ética, pedagógica e cultural do jornalismo.

Ao adotar essa abordagem, o Jornalismo Narrativo não apenas resiste à fragmentação da informação, mas estabelece um espaço para reconstrução histórica e preservação da memória coletiva, preparando o terreno para a análise histórica do jornalismo brasileiro e das diferentes formas de narrativa que moldaram a prática profissional ao longo do tempo.

Portanto, a relação entre narrativa, mediação e memória é central para compreender o jornalismo brasileiro. Desde os jornais críticos do século XIX, passando pelas práticas de resistência da ditadura, até o Jornalismo Literário contemporâneo, a narrativa consolidou-se como ferramenta de mediação social, capaz de transformar informação em experiência, interpretação e memória coletiva. Dessa maneira, prepara-se o terreno para o próximo desdobramento que detalha a evolução do jornalismo, seus diferentes modelos narrativos e o papel da história na construção da prática jornalística.

3.2 O JORNALISMO LITERÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE

As profundas transformações da prática jornalística causadas pelos impactos da era digital são claras, impondo desafios inéditos decorrentes da hiperconectividade, do excesso de informações e do imediatismo. Nesse contexto, o Jornalismo Narrativo se afirma como prática estratégica capaz de restabelecer atenção, sentido e vínculo, oferecendo ao público experiências que transcendem a simples exposição de fatos. Diferentemente de boletins curtos ou notícias instantâneas, que privilegiam velocidade em detrimento de profundidade, a narrativa jornalística proporciona tempo de leitura, reflexão crítica e compreensão da complexidade social. O público contemporâneo busca reportagens que articulem análise, contexto histórico e dimensão humana, promovendo engajamento cognitivo e afetivo.

Essa perspectiva evidencia que o Jornalismo Narrativo funciona como ferramenta de resistência à fragmentação informacional, permitindo ao leitor compreender não apenas o que aconteceu, mas por que aconteceu e quais foram seus efeitos. Ao reconstruir linhas de temporalidade, relações de causa e efeito e

impactos sociais, o texto jornalístico adquire função mediadora, articulando fatos, interpretação e experiência subjetiva em um fluxo de leitura contínuo.

Kovach e Rosenstiel (2004) reforçam essa dimensão mediadora ao afirmar que:

Resumindo, o debate público não deve ser um concurso de gritos - arremesso político de tomates ou discussão como entretenimento. A imprensa tem a palavra a dizer para que esse debate seja inclusivo e matizado, um retrato fiel das situações onde realmente existe debate na sociedade e onde se encontram os pontos de consenso. [...] Uma das razões para a função do *media* enquanto fórum, ter sido tão empolada, é o facto de as empresas jornalísticas encararem a discussão como uma forma de recriar laços debilitados com a comunidade (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 147).

Dessa forma, a narrativa jornalística assume um papel social estratégico, conectando diferentes dimensões do conhecimento e oferecendo ao leitor ferramentas para construir sentido diante da complexidade contemporânea. Ao mesmo tempo, cumpre uma função pedagógica: ensina o público a interpretar informações, a estabelecer relações críticas e a desenvolver memória coletiva, reforçando o papel histórico do jornalismo como mediador de experiências.

Isso é perceptível nas reportagens de profundidade em jornais contemporâneos permitem reconstruir linhas de temporalidade e causalidade, possibilitando que os leitores percebam relações complexas entre acontecimentos, contexto histórico e impactos sociais. Essa prática não apenas oferece tempo de reflexão, mas também fortalece a capacidade do público de absorver e internalizar informações, gerando uma experiência significativa que ultrapassa a lógica da notícia efêmera.

Dessa forma, a narrativa transforma o próprio sujeito que narra, tornando o jornalista mediador consciente de experiências humanas, capaz de articular dimensão ética, estética e social em suas reportagens. Ao integrar interpretação, sensibilidade e análise crítica, a narrativa cria uma ponte entre jornalista, leitor e contexto social, fortalecendo vínculos e promovendo compreensão mais profunda da realidade.

Indiretamente, a narrativa jornalística funciona como mecanismo de preservação cultural. Ao registrar e contextualizar experiências individuais e coletivas, contribui para a construção de memória social e histórica, reforçando o entendimento da continuidade e transformação das sociedades.

Além disso, o Jornalismo Narrativo proporciona imersão e engajamento afetivo, elementos fundamentais para que o público se conecte com a informação de maneira ética e reflexiva. Nesse sentido, Edvaldo Pereira Lima (2009) reforça que o Jornalismo Narrativo não se limita a informar: ele amplia a compreensão da realidade, integra emoção e experiência, propõe uma relação dialógica com o leitor e devolve à prática jornalística a dimensão humana que o formato convencional frequentemente suprime. Narrar é uma forma de estar no mundo, de criar significado e memória compartilhada. Lima destaca:

O jornalismo-literário cresce, supera o caráter perecível do texto jornalístico tradicional, transcende o tempo, chega a um público diferenciado e conquista um status cultural de maior prestígio quando se apresenta em forma de livro. Nas ocasiões em que uma matéria é publicada tanto em periódico quanto em livro, temos a união sinérgica de possibilidades muito significativas para a multiplicação e o alcance útil de uma história (Lima, 2009, p. 352).

Essa dimensão de cuidado, atenção e vinculação estabelece as bases conceituais para o estudo da amorosidade no jornalismo, que será explorado no capítulo seguinte. Ao estruturar a narrativa de maneira que o leitor possa se engajar com o conteúdo de forma prolongada e reflexiva, o Jornalismo Narrativo cria um ecossistema comunicacional sensível, no qual tempo, atenção, experiência e interpretação crítica se entrelaçam. Essa sensibilidade não se limita à relação imediata com os fatos; ela se estende à compreensão das experiências humanas subjacentes aos acontecimentos, à percepção das consequências sociais e à valorização das múltiplas perspectivas presentes em cada narrativa. Ao oferecer espaço para imersão e reflexão, a narrativa jornalística constrói um ambiente em que a informação deixa de ser apenas consumida de maneira superficial e passa a ser vivida, pensada e integrada à compreensão do mundo pelo leitor.

Nesse contexto, as práticas jornalísticas adquirem função ética e social. Ao reconectar experiências fragmentadas e integrar memória, contexto e interpretação, a narrativa permite que o público não apenas receba informações, mas estabeleça vínculos com as histórias, com os protagonistas e com os próprios processos de construção da notícia. Essa mediação transforma a leitura em um espaço de envolvimento, aproximando o leitor do jornalista e da realidade reportada. Além disso, a narrativa fortalece a capacidade do público de refletir criticamente sobre os acontecimentos e suas implicações, promovendo atenção sustentada, compreensão

contextual e percepção da complexidade social. Em outras palavras, o Jornalismo Narrativo atua como um mecanismo de integração entre experiência, conhecimento e emoção, oferecendo ao leitor a possibilidade de construir significado de maneira ativa.

Por fim, a prática narrativa contemporânea cumpre funções complementares essenciais para a comunicação na era digital. Ela reconecta experiências fragmentadas, preserva memória coletiva, organiza fatos em sequências compreensíveis e transforma a percepção do leitor ao aproximá-lo da realidade social de forma aprofundada. Ao combinar técnica jornalística, sensibilidade narrativa e reflexão crítica, a narrativa não apenas informa, mas também prepara o público para práticas comunicacionais mais humanas, éticas e empáticas. Essa dimensão estratégica estabelece uma ponte natural para a discussão sobre amorosidade, demonstrando que o jornalismo pode funcionar como espaço de cuidado, atenção e vínculo, mesmo em um cenário marcado por saturação informacional, velocidade e superficialidade. Assim, a narrativa se posiciona como ferramenta fundamental para a construção de ecossistemas comunicacionais capazes de valorizar relações humanas e experiências compartilhadas, como foco em escuta ativa, empática e amorosa.

4 AMOROSIDADE E CONTEMPORANEIDADE

A amorosidade emerge, neste trabalho, como um fio condutor que reorganiza não apenas modos de sentir, mas também modos de conhecer, narrar e estar no mundo. É compreendida como uma força epistemológica, filosófica e ecosófica que reconduz a comunicação ao campo da convivência e da responsabilidade. A partir dos diálogos com Maturana (2002), Baptista (2012; 2014) e Melo (2025), propõe-se uma reflexão sobre como o ato de comunicar, e, de modo particular, o ato jornalístico, se transforma quando é entrelaçado à ética do encontro. Longe de ser um adorno afetivo, a amorosidade inaugura novas possibilidades de conhecimento, produz outras formas de relação com o outro e reorienta o jornalismo para sua vocação mais profunda: a de criar mundos compartilháveis, capazes de sustentar a vida comum.

4.1 A POTÊNCIA DO AFETO

Pensar a amorosidade requer um retorno às origens conceituais do afeto, não como emoção fugaz, mas como força vital que molda a existência em sociedade. Spinoza (2009) funda uma compreensão do afeto que se descola da tradição moral e se insere no campo da ontologia, como potência, movimento e variação da vida. Em sua definição clássica, o autor afirma que: “Por afeto compreendo as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções” (p. 50).

Para além de uma emoção subjetiva, o afeto é o próprio dinamismo da existência. Ele expressa as transformações contínuas na potência de agir, daquilo que nos faz expandir ou retrainir diante do mundo. Spinoza descreve essas variações como o trânsito entre alegria e tristeza. Esses movimentos afetivos definem o modo de existir. O ser humano é atravessado por forças que aumentam ou diminuem sua capacidade de agir no mundo, e tais forças são, em si, comunicacionais, e constituem a forma pela qual o corpo se relaciona, reage e se insere na trama coletiva da vida. Por isso, Spinoza acrescenta:

Digo que agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é (pela def prec.), quando de nossa natureza

se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial (Spinoza, 2009, p. 50).

O afeto é, então, simultaneamente corpóreo e cognitivo. Ele une o sentir e o pensar, dissolvendo a separação moderna entre emoção e razão. É nessa linha que Spinoza (2009) identifica o desejo como a essência do ser, como “o desejo é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira” (Spinoza, 2009, p. 71). Nessa concepção, comunicar é desejar, e desejar é movimentar-se em direção a algo que nos afeta. O afeto, em Spinoza, assim, inaugura uma ontologia relacional, em que o ser não é substância isolada, mas rede de afetações recíprocas. Essa leitura é essencial para compreender o lugar do sensível na comunicação contemporânea.

Séculos após os primeiros debates sobre a comunicação e o conhecimento humano, Sodré (2006) retoma e atualiza esse pensamento ao propor uma virada sensível na Teoria da Comunicação, um deslocamento epistemológico que busca repensar a comunicação para além de seus aspectos técnicos e instrumentais. Em *As estratégias sensíveis*, o autor questiona a hegemonia da racionalidade instrumental que domina o campo midiático moderno, caracterizada por uma lógica de eficiência, quantificação e controle, que reduz a comunicação a um processo mecânico de codificação e transmissão de mensagens. Sodré (2006) afirma que tal modelo, embora eficiente na propagação de informações, desconsidera a dimensão humana da experiência comunicacional, negligenciando o sentir e o encontro entre sujeitos, ao ponto de concluir que a comunicação não se reduz a técnica de codificação de mensagens, mas é experiência estética e sensível do mundo.

O autor defende uma busca fundamentada na sensibilidade como forma de conhecimento, entendendo-a como faculdade anterior ao pensamento lógico e à linguagem articulada:

Não há qualquer razão inefável ou qualquer essencialidade humana (a exemplo da razão cultuada pelo Iluminismo) por trás da sensibilidade, e sim contingências, que presidem à identificação dos indivíduos com outros dentro de circunstâncias históricas precisas, estimulando-lhes a potência de agir pela mobilização afetiva (Sodré, 2006, p. 54).

Nesse sentido, o sentir não é um acessório ou uma forma secundária de conhecimento, mas sim a condição originária da cognição e da experiência humana. A percepção sensível constitui, portanto, a base sobre a qual se constrói qualquer forma de conhecimento e, conseqüentemente, qualquer ato comunicativo significativo. Sob essa perspectiva, a comunicação deixa de ser vista como um processo técnico ou instrumental de transmissão de informações e passa a ser compreendida como vivência estética da linguagem, na qual o contato sensível com o outro e com o mundo é constitutivo do próprio ato de conhecer. Sodré (2006) ainda enfatiza que a comunicação é um modo de experiência estética, onde sentir é condição do conhecer. O ato de comunicar envolve uma presença integral do sujeito, em que corpo, memória, emoção e intelecto se articulam na experiência do encontro com o outro. Essa abordagem transforma a comunicação em um processo de habitar o mundo, e não meramente de descrevê-lo. Comunicar, nessa lógica, é experienciar, perceber, afetar e ser afetado, reconhecendo que o conhecimento surge na inter-relação sensível entre sujeitos.

A conexão entre sensibilidade e estética é central para compreender a proposta de Sodré. Ao recorrer ao conceito grego de *aísthesis*, que significa percepção sensível, o autor retoma a raiz etimológica do termo “estética”, ressignificando-o não como adorno ou beleza formal, mas como modo de apreender o mundo pelo sentir. Ele afirma que estética, como percepção sensível, é constitutiva da cognição humana; é pelo sentir que se apreende o real. Dessa forma, a experiência estética é epistemológica: sentir o mundo é simultaneamente conhecer o mundo, pois a percepção sensível é a primeira forma de contato com a realidade. Essa abordagem representa uma crítica direta à tradição dominante na comunicação moderna, que privilegia o olhar racional, analítico e mediado exclusivamente pela linguagem codificada, negligenciando a dimensão afetiva e sensível da experiência humana.

Bauman (2004), como citado anteriormente, observa que a modernidade líquida dissolveu os vínculos sólidos e transformou a afetividade em produto descartável. Em *Amor líquido*, ele aponta que os vínculos humanos são agora laços frouxos, fáceis de desfazer, frágeis como tudo o que é líquido. O resultado é uma crise de presença, vivemos cercados de comunicações, mas carentes de comunicação. A informação se multiplica, mas o sentido se perde. É nesse ponto

que a filosofia do afeto e a comunicação sensível se encontram, pois propõem uma resistência ao esvaziamento das relações, defendendo o reencontro com o corpo e com a presença. O afeto, como potência, e a sensibilidade, como epistemologia, recolocam as pessoas no centro da comunicação e das narrativas, não seres abstratos da técnica, mas humanos que sentem, escutam e se afetam.

A virada sensível proposta por Sodré (2006) também implica uma dimensão ética. A comunicação, entendida apenas como transmissão de informações, desumaniza os sujeitos, transformando o outro em mero objeto de processamento ou destinatário passivo de mensagens. Ao enfatizar a sensibilidade, o autor resgata a alteridade como núcleo da prática comunicativa: o outro deixa de ser objeto e torna-se presença viva, capaz de afetar e ser afetado. Segundo Sodré (2006), a razão normativa não é capaz de abarcar a complexidade dos vínculos humanos; é a sensibilidade que permite reconhecer o outro em sua presença viva. O sensível, portanto, inaugura uma dimensão ética da comunicação, na qual o cuidado com o outro e a escuta atenta são constitutivos do ato comunicativo.

Essa ética do sensível aproxima-se da noção de afeto em Spinoza. Em ambas as perspectivas, o ser humano se constitui na e pela relação; a potência de existir depende da capacidade de ser afetado e de afetar. Em Spinoza, os afetos determinam a potência de existir e agir; em Sodré, a sensibilidade constitui a potência de perceber, compreender e se relacionar com o mundo e com os outros. A comunicação, assim, é compreendida como ato vital, inseparável da constituição subjetiva e social do indivíduo. É um processo de co-presença, em que o sujeito se reconhece e se transforma no contato com o outro, ampliando sua capacidade de conhecer e de existir.

No contexto contemporâneo, marcado pela automação das interações, pela hiperconectividade e pela saturação de fluxos digitais, a perspectiva de Sodré adquire relevância política e social. A lógica das plataformas e das métricas de audiência, centrada na velocidade e na eficiência, tende a reduzir a comunicação a dados, números e algoritmos, desconsiderando a experiência sensível do público e a responsabilidade ética do comunicador. Retornar ao sensível significa resgatar o vínculo humano como núcleo da comunicação, reconhecendo que a experiência afetiva, estética e ética não é secundária, mas constitutiva do ato comunicativo. Para o jornalismo, essa abordagem propõe repensar o papel do comunicador: não mais

um observador distante ou um transmissor neutro de informações, mas um participante sensível do mundo, atento à presença e ao impacto do outro, capaz de construir narrativas que integrem conhecimento, afeto e responsabilidade ética.

Ao concluir essa reflexão, fica evidente que a virada sensível de Sodré (2006) oferece uma fundamentação teórica sólida para compreender a comunicação como experiência vital e relacional, articulando estética, ética e epistemologia. Ela abre caminho para o subcapítulo seguinte, que poderá aprofundar a relação entre sensibilidade, experiência estética e amorosidade na comunicação, explorando como a atenção ao sentir e ao cuidado com o outro se traduz em práticas comunicacionais mais humanas e eficazes. Nesse sentido, o que o autor denomina sensível encontra ressonância nas reflexões de Maturana (2002) e Melo (2025) sobre a amorosidade, propondo uma continuidade teórica que vincula percepção, afeto e ação ética no campo comunicacional.

4.2 A DIMENSÃO FILOSÓFICA DA AMOROSIDADE: O SER-COM-O-OUTRO E O REENCONTRO COM O HUMANO

A amorosidade, na perspectiva apresentada por Melo (2025), como resultado dos estudos no Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, coordenado por Maria Luiza Cardinale Baptista, não se configura como um sentimento abstrato, mas como uma postura ontológica e filosófica, um modo de ser que reorienta o sujeito em relação a si, ao outro e ao mundo. Para a autora, a amorosidade é o eixo que reposiciona a experiência humana diante do mundo, pois nela o viver não é ato isolado, mas coexistência. Essa concepção ultrapassa a ideia de amor como emoção privada e a insere no campo da filosofia da existência: amar torna-se condição de possibilidade do estar-no-mundo.

Melo (2025) entende que a amorosidade é força intrínseca da vida, pois não se trata apenas de um afeto, mas de uma potência de mundo que orienta as formas de ver, sentir e conhecer. Sob esse ponto de vista, a autora propõe uma virada ontológica que desestabiliza a racionalidade moderna, centrada no indivíduo, na objetividade e no controle, e recoloca a relação como fundamento do humano. Essa

postura filosófica, como destaca, não é moral, é existencial: é a escolha por um modo de viver que reconhece o outro como parte de si.

Esse pensamento encontra ressonância direta na teoria biológica de Maturana (2002), para quem o amor é o fundamento biológico da convivência humana. O autor afirma que o amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que o outro é aceito como um legítimo outro na convivência. Tal aceitação, segundo ele, não é um sentimento, é um modo de agir. O ato de amar, portanto, antecede a ética e a linguagem, sendo condição estrutural para a emergência do humano enquanto ser social.

Nessa perspectiva, a amorosidade é também condição de comunicação. Maturana observa que “o amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência” (Maturana, 2002, p. 22). A emoção amorosa cria o espaço relacional em que o viver e o conhecer se tornam possíveis, estabelecendo a base para o que o autor chama de *biologia do amor*. Melo (2025) recupera essa noção ao afirmar que a amorosidade funda o espaço da linguagem, pois é nela que a palavra se torna gesto de reconhecimento. Assim, o amor, longe de ser apenas categoria afetiva, torna-se ontologia relacional, isto é, modo de existência no qual o outro não é ameaça, mas extensão da própria vida.

Essa compreensão filosófica tem fundamento também na obra de Baptista (2014), que considera a comunicação como um acontecimento de encontros afetivos e éticos, nos quais a relação entre sujeitos é central. Para a autora, a comunicação só se realiza quando há abertura para o outro, para o imprevisível e para o sensível.

Segundo ela:

Esses elementos são resultantes da interação afetiva de sujeitos, no sentido de uma interação que ‘toque os seus afetos’ e produza desterritorializações, de tal forma a fazer o sujeito desacomodar-se do si mesmo ou dos territórios conhecidos, para empreender uma viagem na direção do Outro, ou seja, o trânsito dos universos de referência existenciais imanentes nas expressões territorializadas. (Baptista, 2014, p. 100).

Essa formulação evidencia a convergência entre Melo, Maturana e Baptista: todos deslocam o foco da comunicação da transmissão de informações para a presença relacional, baseada no reconhecimento mútuo e na aceitação. A amorosidade, nesse sentido, não é apenas teoria, mas prática vital: é modo de viver, perceber e comunicar, que integra afetividade, sensibilidade e ética, articulando

experiências humanas e fortalecendo vínculos no cotidiano e na esfera comunicacional.

Ao compreender o ser humano como coexistência, Melo (2025) resgata uma ética da vulnerabilidade e da interdependência. Para ela, a amorosidade é uma força que desfaz a ilusão da separação e reinstala o sujeito em sua teia de pertencimentos. Tal concepção se opõe à lógica moderna do isolamento e da competição, substituindo-a por uma visão relacional e integrada da vida. A autora argumenta que “Sem a existência do outro e o reconhecimento desse outro no meu cotidiano, o meu próprio viver se torna inexistente.” (Melo, 2025, p. 63). Essa consciência relacional não é apenas uma escolha afetiva, mas uma forma de sabedoria; é compreender que a vida se sustenta na delicadeza dos vínculos, e que romper vínculos é romper a própria vida.

Essa sabedoria afetiva se traduz, no campo da comunicação, em uma exigência ética. Como observa Baptista (2014), a amorosidade orienta as práticas comunicacionais para a ecologia da existência, em que comunicar é gerar vida e preservar vínculos. Isso significa que o ato comunicativo, seja ele na educação, na política ou no jornalismo, deve surgir de uma disposição amorosa, que acolhe o outro como legítimo interlocutor e reconhece a complexidade das interações humanas.

A abordagem está relacionada à urgência de contribuir para o que eu venho chamando de ecologia da existência, constituída a partir de visão ampla e uma ‘costura de saberes e vivências’ plena. Trata-se de orientação no sentido de que as produções devem ser geradoras de vida, em todas as áreas, e que essa vida precisa ser preservada, renovada, e precisa reproduzir-se constantemente (Baptista, 2014, p. 100).

A partir desse entendimento, a amorosidade se revela como ato de resistência frente à desumanização contemporânea. Melo (2025) enfatiza que amar, hoje, é um gesto político, porque é recusar a indiferença e o isolamento. Essa recusa é também uma forma de reconectar o humano à sua própria condição de interdependência, um retorno ao que Maturana (2002) chama de *biologia do amor*.

Segundo ele,

O central na convivência humana é o amor, as ações que constituem o outro como um legítimo outro na realização do ser social que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo

outro. A biologia do amor se encarrega de que isso ocorra como um processo normal se se vive nela (Maturana, 2002, p. 68).

Nesse sentido, a amorosidade constitui uma concepção de coexistência, que redefine o papel do sujeito comunicador e, particularmente, neste contexto comunicacional, do jornalista. Em um mundo atravessado por fluxos informacionais caóticos, a postura amorosa representa uma maneira de recuperar o sentido da escuta, da presença e da alteridade. Como observa Baptista (2014), comunicar é produzir sentido com o outro, não sobre o outro. Essa inversão ética recoloca a prática jornalística e comunicacional no horizonte da relação, permitindo que o discurso midiático se converta em espaço de reconhecimento mútuo.

Assim, na dimensão filosófica, a amorosidade opera como fundamento ético-existencial da comunicação. Ela não se resume a um ideal moral, mas se configura como prática cotidiana de reconciliação com o outro e com o mundo. Melo (2025) sintetiza essa ideia ao afirmar que a amorosidade é a força que sustenta o comum, o gesto que nos devolve ao mundo e nos faz responsáveis por ele. Trata-se, portanto, de uma filosofia do pertencimento, que inaugura novas formas de ser e comunicar, devolvendo à experiência humana sua densidade ética e afetiva.

4.3 A DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA: CONHECER EM RELAÇÃO, COMUNICAR EM ALTERIDADE

Se na dimensão filosófica a amorosidade se expressa como modo de ser, na dimensão epistemológica ela se manifesta como modo de conhecer. Melo (2025), inspirada por Baptista (1996) afirma que a amorosidade é uma epistemologia relacional, um regime de conhecimento fundado na experiência compartilhada e no vínculo sensível entre sujeitos. Essa perspectiva rompe com a tradição cartesiana e positivista, que fragmentou o saber e o separou da vida, propondo em seu lugar uma compreensão que nasce da convivência e da interdependência.

De acordo com Melo (2025), não há conhecimento fora da relação, pois todo saber é emergente. Segundo a autora:

Esta compreensão é um dos pontos centrais que diferencia a visão de mundo orientada pela ciência tradicional de uma visão de mundo orientada pela ciência contemporânea, e está muito presente na forma como essa pesquisa se desenvolve (Melo, 2025, p.18).

Essa formulação se aproxima da teoria de Maturana (2002), que, ao propor a *biologia do conhecer*, redefine o conhecimento como um fenômeno relacional e autopoietico. Para o autor, tudo o que é dito é dito por um observador, o que implica que o ato de conhecer está condicionado pela história e pela emoção do sujeito que conhece. Não há objetividade pura, apenas observadores que constroem, na linguagem, mundos possíveis.

Maturana (2002) destaca que o conhecimento não é representação de uma realidade externa, mas ação na convivência:

Em outras palavras, nós nos damos conta também de que depende de nós aceitarmos ou não uma certa reformulação da experiência a ser explicada como explicação dela, segundo um critério de aceitação que temos em nosso escutar e, portanto, que a validade das explicações que aceitamos se configura em nossa aceitação e não independentemente dela (Maturana, 2002, p. 46).

Essa afirmação indica que o saber se produz na experiência do viver-com, e não na separação entre sujeito e objeto. Melo (2025) recupera esse princípio ao dizer que “A Amorisidade, uma vez fundamentada no amor, ajuda a trazer o “motivo de existir” de cada atividade, criando um cenário de sensibilização e ajudando a formar seres humanos também mais conectados e conscientes.” (p. 64). Assim, a amorisidade não é apenas um sentimento que acompanha o ato de conhecer, mas a condição epistemológica que o torna possível.

Para Melo (2025), o saber amoroso não busca dominar, mas compreender; não pretende explicar o outro, mas dialogar com ele. Essa postura epistemológica é também uma ética. Dessa forma, conhecer passa a ser um gesto de cuidado, uma abertura para a transformação mútua. O pesquisador, o comunicador ou o jornalista que age a partir da amorisidade reconhece que todo conhecimento é co-produzido e, portanto, compartilhado. Como sintetiza a autora:

Entender e compreender o que está aparecendo, por sua vez, é uma dinâmica reflexiva-operacional que nos remete a dois momentos. [...] Compreender, de forma sistêmica e complexa, o que está aparecendo. Isso possibilita, por exemplo, exercer a compreensão do porquê determinada pessoa está agindo de determinada maneira. Quando fazemos isso, estamos mais próximos de ver o mundo do ponto de vista do outro (Melo, 2025, p. 63).

Essa concepção fundamenta-se no pensamento de Baptista (2014), que compreende a comunicação como universos que se entrelaçam, aponta: “Pode-se

dizer que esses universos são feixes, fluxos de dimensões múltiplas, que se entrelaçam, na produção da trama complexa, de saberes, de vivências, de sujeitos” (Baptista, 2014, p. 100).

Para a autora, o conhecimento comunicacional não é um dado, mas um acontecimento que resulta de processos de afetação e escuta. [...] “Provavelmente, brotem novos escritos, inscritos, à medida que os encontros novos aconteçam, que as intensidades sigam rumos dos fluxos agenciados por tantos dizeres, por esse esforço de partilhar...” (Baptista, 2014, p. 105). Tal entendimento é explorado na ideia de Melo (2025) de que conhecer é estar implicado, uma vez que toda produção de sentido envolve afetar e ser afetado.

No campo da comunicação, essa epistemologia relacional desloca o paradigma da transmissão para o da participação. O conhecimento deixa de ser algo que se envia como uma informação, e passa a ser algo que se constrói na reciprocidade. Maturana (2002) já antecipava essa virada ao afirmar que a linguagem não é um meio de transmissão, mas um domínio de coordenações de ações e emoções. Nessa concepção, comunicar é co-criar mundos, e não simplesmente descrevê-los. A amorosidade, portanto, é o que sustenta a linguagem como espaço de sentido compartilhado.

Melo (2025) enfatiza que a epistemologia da amorosidade recusa o saber instrumental, aquele que reduz o outro a objeto de estudo, e propõe um saber que se faz na vulnerabilidade e na escuta. Essa vulnerabilidade não é fragilidade, mas potência, pois ela permite a transformação do sujeito que conhece. Conhecer, nessa perspectiva, é abrir-se à alteridade, aceitar a incerteza e permitir que o outro participe da construção do sentido. É preciso abandonar o lugar do especialista que observa à distância e adotar o lugar de quem se compromete com o que observa, como destaca Melo.

Essa inversão epistemológica possui forte impacto na compreensão da prática jornalística. No contexto contemporâneo, a amorosidade propõe um jornalismo de escuta e implicação, que reconhece a subjetividade como elemento constitutivo da verdade narrativa. Como explica Baptista:

A comunicação é essa ‘viagem’, esse deslocamento em direção ao Outro. [...] o acontecimento comunicacional precisa ser, em essência, amoroso, para que se efetive com qualidade, geradora de bons resultados para o processo como um todo e para todos os envolvidos (Baptista, 2014, p. 103).

O jornalismo, nesse sentido, deve se reencontrar com sua vocação humana: ser espaço de compreensão, não de disputa; de partilha, não de poder.

Melo (2025) reforça esse ponto ao dizer que a amorosidade é epistemologia do vínculo, e o vínculo é condição de conhecimento. No jornalismo, isso significa reconhecer que cada história contada é também uma relação estabelecida. A narrativa não é neutra, mas atravessada por afetos, presenças e ausências. O jornalista, nesse contexto, não é mero mediador de fatos, mas participante do acontecimento comunicativo. [...] “Reconhecer o outro como legítimo outro na convivência [...] nos ajuda a pensar que eu só posso continuar existindo como eu, se eu existir em relação ao outro.” (Melo, 2025, p. 63). Essa responsabilidade é, antes de tudo, afetiva: implica cuidar do outro que se revela na narrativa.

Ao retomar a noção maturaniana de autopoiese, o processo pelo qual um sistema se produz e se mantém por suas próprias interações, Melo (2025) propõe que o conhecimento amoroso é também autopoietico, pois se renova continuamente nas relações. Isso significa que o ato de conhecer não é fixo, mas processual, e exige do sujeito um constante exercício de sensibilidade e autotransformação. O mesmo se aplica ao ato comunicativo:

Autopoiese é autoprodução, reinvenção de si, o que significa desconstrução para reconstruir, posteriormente, outra condição de existência, desterritorializar para reterritorializar territórios existenciais [...] Tem-se, aqui, o que o próprio autor referiu como a reconciliação entre o caos e a complexidade (Baptista, 2014, p.101).

Em Baptista (2014), essa dinâmica é descrita como *ecologia da existência*, em que cada interação comunicativa deve ser geradora de vida, e não de controle. Assim, conhecer e comunicar tornam-se práticas de cuidado, práticas amorosas. A epistemologia da amorosidade, portanto, redefine não apenas o modo de produzir conhecimento, mas também o modo de estar no mundo e de atuar no campo comunicacional.

A comunicação, vista sob essa ótica, é sempre uma experiência de alteridade. Como resume Maturana (2002), o que é humano se dá na linguagem e no amor, porque é aí que reconhecemos o outro como legítimo. Melo (2025) amplia essa ideia ao afirmar que a amorosidade é a epistemologia que sustenta a humanidade da comunicação.

Em síntese, a dimensão epistemológica da amorosidade propõe uma nova racionalidade, uma racionalidade sensível, afetiva e relacional. Conhecer, aqui, é um gesto de encontro. Comunicar é partilhar o mundo. E o jornalismo, quando guiado por essa epistemologia, torna-se espaço de escuta e de reconhecimento, um exercício de amor ao outro e ao comum.

4.4 A DIMENSÃO ECOSÓFICA: COMUNICAÇÃO, INTERDEPENDÊNCIA E ECOLOGIA DA EXISTÊNCIA

A amorosidade, ao ser compreendida como força constitutiva da vida, revela uma dimensão ecosófica da comunicação. O termo *ecosofia*, cunhado por Félix Guattari (1990) e retomado em diferentes campos, refere-se à necessidade de integrar as dimensões ambiental, social e subjetiva da existência, um pensamento que, em Baptista (2012; 2014) e Melo (2025), ganha contornos comunicacionais. A ecosofia não é apenas uma filosofia da natureza, mas uma sabedoria do conviver: uma ética e uma estética do estar-com. Nesse horizonte, comunicar é coabitar, e o ato comunicativo é sempre um acontecimento ecossistêmico, um gesto que envolve corpos, afetos e mundos interdependentes.

Essa proposição, observada em Maturana (2002), tem implicações profundas. O conhecimento e a comunicação não são atividades isoladas, mas processos que emergem da relação entre seres vivos. O observador, ao enunciar, é sempre parte do sistema que observa. Assim, conhecer é participar do mundo, e comunicar é regenerar continuamente as redes de vida que nos sustentam. Para ele, o amor é, portanto, o afeto que possibilita o entrelaçamento das existências e a continuidade da vida.

É a partir dessa base maturaniana que Melo (2025) propõe compreender a amorosidade como princípio de interdependência que sustenta os ecossistemas comunicacionais, reconhecendo que a amorosidade não é um sentimento abstrato, mas uma postura filosófica, epistemológica e ecosófica. Filosófica, porque redefine o modo de estar no mundo; epistemológica, porque transforma o modo de conhecer; e ecosófica, porque afirma o viver como inter-relação. Ao incorporar essa tríade, Melo insere a amorosidade em um campo ético de profunda atualidade: o de uma

ecologia do existir, na qual a comunicação é compreendida como teia de sustentação da vida e não como mero circuito informacional.

Baptista (2014) amplia essa concepção ao propor a comunicação como um ecossistema ético-estético, um espaço de coexistência, criação e regeneração simbólica. Ela afirma:

Entendo também a comunicação no acontecimento e esse acontecimento como sendo marcado pela heterogênesse, pelo caos, pelas explosões cósmicas, caosmóticas, transmidiáticas, de confronto de narrativas e cuja potência está na inscrição, nos acionamentos desterritorializantes e reterritorializantes (Baptista, 2014, p.103).

Essa imagem do movimento e do fluxo faz ver a comunicação não como uma linha, mas como uma espiral, um processo autopoietico que se refaz na convivência. Em *Amorosidade: caosmose e comunicação*, Baptista (2014) define [...] “a autopoiese é autoprodução, reinvenção de si, o que significa desconstrução para reconstruir, posteriormente, outra condição de existência” [...] (p.101).

Essa reconstrução é a própria dinâmica da vida, e a comunicação, nesse contexto, é o espaço em que o viver se diz e se refaz, um lugar de reorganização das sensibilidades e das relações.

Assim, a ecosofia comunicacional não trata apenas de pensar o ambiente físico, mas de compreender o ambiente simbólico, afetivo e relacional em que as práticas comunicacionais se inscrevem. Cada interação, seja uma conversa, uma reportagem ou uma escuta, é um ato ecológico, pois tem efeitos sobre o equilíbrio das relações humanas e não humanas. Melo (2025) argumenta que a amorosidade, ao se enraizar na comunicação, “no nosso *com-versar* no mundo, temos um outro que é não-eu, que pode possuir desejos e gostos muito diferentes de mim, e aceitar que não há, de fato, nada de errado nisso.” (p. 63), tornando a coexistência o princípio organizador do conhecimento. O humano, nesse contexto, não é o centro da ecologia, mas um nó em uma rede de interdependências simbólicas e afetivas.

Essa perspectiva desafia o paradigma técnico e instrumental da comunicação contemporânea, marcado pela aceleração, pela fragmentação e pelo consumo de informações. Ao contrário, a amorosidade propõe um contratempo ecosófico, uma pausa para o sentir e o pensar juntos. A comunicação, aqui, é compreendida como um campo de regeneração, um lugar onde é possível restaurar o sentido de comunidade e de pertencimento. Para Baptista (2014), essa ética da

interdependência funda uma “ecologia comunicacional contemporânea” (p.100), orientada “pela ética da relação e pela autopoiese, pela reinvenção dos sujeitos, numa perspectiva de valorização do social e dos processos de cooperação” (p. 100).

No campo jornalístico, essa visão inaugura uma nova sensibilidade profissional. O jornalismo, quando pensado a partir da ecosofia, não é apenas mediador de fatos, mas agente de regeneração simbólica, que atua como um dispositivo de cuidado e de convivência. As narrativas jornalísticas, nesse horizonte, tornam-se ecologias narrativas, isto é, espaços de inter-relação entre mundos, vozes e afetos. O reconhecimento é o primeiro gesto de uma ética ecosófica, ele instaura o diálogo como forma de vida e a escuta como modo de conhecer.

Assim, a dimensão ecosófica da amorosidade convoca a comunicação, e o jornalismo, em particular, a repensar sua função social. Mais do que informar, trata-se de gerar vínculos, tecer redes de sentido e promover a continuidade da vida. A comunicação deixa de ser um instrumento e passa a ser um modo de coexistência. Nesse sentido, o ato comunicativo é também um ato ecológico, pois envolve a manutenção e a renovação das condições simbólicas da existência. A amorosidade, ao fundir ética, estética e ecologia, oferece um caminho para a reconstrução das sensibilidades em um tempo de desenraizamento e desafeição.

A ecosofia comunicacional, portanto, não se limita a um novo conceito, mas propõe uma mudança de postura: comunicar passa a ser cuidar, e cuidar passa a ser comunicar. Como observa Baptista (2014), “hoje é preciso parar... silenciar e escutar o vento” (p. 105). Aqui, essa escuta sensível é o gesto que ancora a ecologia da existência, sustentando o fluir da vida no interior das palavras, dos gestos e das narrativas.

4.5 IMPLICAÇÕES PARA O JORNALISMO: A AMOROSIDADE COMO ÉTICA E ESTÉTICA DA ESCUTA

Compreender a amorosidade como eixo da comunicação é reconhecer que o ato de narrar é, antes de tudo, um gesto de escuta. No jornalismo, essa perspectiva exige deslocar a ênfase da performance informativa para a presença relacional, da objetividade técnica para a escuta sensível. Ao propor a amorosidade como categoria ética, epistemológica e ecosófica, Melo (2025) também sugere um

reposicionamento do fazer jornalístico: comunicar é estar com o outro, e narrar é cohabitar o mundo com ele. Para ela, a amorosidade é a força que sustenta o comum, o gesto que nos devolve ao mundo e nos faz responsáveis por ele. Essa responsabilidade, inscrita no gesto narrativo, inaugura uma estética do cuidado e da convivência.

No artigo *Quem quer (a)provar?*, Baptista (2012) afirma que o jornalismo precisa reaprender a provar o mundo, no duplo sentido de experimentar e de dar prova. Segundo a autora:

Comunicação é ação de tornar comum. Informação é ação de dar uma outra forma. Assim, não se produz comunicação, se não houver a determinação de encontrar o outro, de entrar em contato e partilhar informação. E também não se produz informação, se o que for veiculado não 'der uma outra forma', não afetar, não tocar o receptor (Baptista, 2012, p. 97).

Essa noção de prova remete à dimensão sensível da comunicação: só há conhecimento quando há implicação, e só há narrativa quando há presença. A escuta, nesse contexto, deixa de ser mera etapa do processo jornalístico e passa a ser o seu fundamento ético-estético.

A escuta amorosa implica um modo de perceber o outro sem hierarquia, sem antecipar respostas ou enquadramentos. Essa atitude rompe com a lógica da observação distanciada e inaugura um paradigma dialógico da produção jornalística, onde a troca é horizontal e mútua. O jornalista, ao escutar, não coleta informações: ele participa de uma rede de significações vivas, coautoria que o constitui e transforma. Assim, cada entrevista, cada encontro, é um ato comunicativo que produz vida, e toda comunicação que não gera vida.

Ao situar o jornalismo no horizonte da amorosidade, Baptista (2012) propõe um retorno à dimensão sensível e humana do ofício, defendendo que comunicar é, antes de tudo, um ato de encontro. O jornalismo, segundo a autora, precisa reaprender a provar o mundo, isto é, permitir-se afetar pela experiência e pelas narrativas que o atravessam:

Fui entendendo que faltava exatamente a excitação desejante de quem se prepara – produz sua matéria, sua escrita – para entregar-se ao outro, o leitor desejado. Faltava um cuidado aqui, outro ali... a dúvida quanto à recepção... o esmero com o detalhe. Faltava também a humildade de sentir-se ainda incompleto e, mesmo assim, dada a mobilização amorosa... faltava a decisão de seguir aprontando-se, para ser recebido pelo outro (Baptista, 2012, p. 96).

Esse gesto de provar não é apenas degustar, mas experimentar com o outro, numa abertura que transforma o ato de informar em ato de convivência. Dessa forma, o jornalismo se configura como espaço de coexistência e partilha, e não de domínio e controle. A amorosidade que Baptista descreve desloca a noção de objetividade tradicional para uma objetividade afetiva, fundada na responsabilidade de compreender e se implicar com o que é narrado. Ao invés de apagar o sujeito que observa, o jornalismo amoroso reconhece a presença e a emoção como dimensões constitutivas do conhecer.

Essa perspectiva implica compreender a escuta não como um instrumento técnico, mas como atitude ética e estética. Escutar é resistir à pressa, ao ruído e à fragmentação informacional que caracterizam o mundo contemporâneo; é criar espaço para o silêncio, para o outro e para o inesperado. Baptista (2012) observa que o jornalismo, ao se abrir para a amorosidade, reencontra sua vocação humanista, em que precisamos olhar o jornalismo como acontecimento de sentido e de encontro, de reconhecimento de nós mesmos e dos outros, em múltiplas direções.

Assim, o jornalismo amoroso é aquele que se compromete com a vida e com o vínculo, não com o espetáculo. É uma prática de reconciliação simbólica que aposta no diálogo como forma de resistência à indiferença e à desumanização. Ao transformar a escuta em fundamento ético-estético, Baptista propõe uma reconfiguração profunda do campo jornalístico: um jornalismo que, ao comunicar, também cuida; que, ao narrar, também reconhece; e que, ao informar, também se transforma. Ela afirma:

Ao contrário disso, a prática amorosa aplicada ao processo de uma reportagem começa com o gosto de quem intui a intensidade informativa, em relação a um determinado acontecimento. E essa intuição só é possível se, além da dimensão técnica da atualização informativa, característica essencial a todo bom jornalista, houver a predisposição de 'reconhecimento do outro como legítimo outro'. Deste modo, as fontes precisam ser sentidas como, efetivamente, fontes de informação, e não como postos de confirmação de dados (Baptista, 2012, p. 100).

Em consonância com Maturana (2002), essa ética da escuta se enraíza na compreensão de que o amor é a emoção que funda o social (p. 25). Quando o amor desaparece, diz o autor, as relações humanas se desumanizam, e a comunicação perde o sentido de encontro. O jornalista amoroso, portanto, não é aquele que fala

sobre o outro, mas aquele que fala *com* o outro, alguém que se permite afetar e transformar pela convivência. Ao reconhecer que “a linguagem como fenômeno, como um operar do observador, não ocorre na cabeça nem consiste num conjunto de regras, mas ocorre no espaço de relações e pertence ao âmbito das coordenações de ação, como um modo de fluir nelas” (Maturana, 2002, p. 27), entende-se que comunicar é sempre coagir no sentido etimológico: agir junto.

Essa compreensão transforma profundamente a estética do jornalismo. A amorosidade não se traduz apenas no conteúdo das narrativas, mas na forma de narrar: no ritmo, no silêncio, na escolha das palavras, no tempo de escuta e na disposição para o diálogo. Como afirma Baptista (2012), “não há como entrar em contato com o outro, para fazer fluir informações, se não houver a disposição do encontro, verdadeira, plena” (p. 99). É nesse intervalo que o outro aparece em sua inteireza, não como objeto de fala, mas como presença que coautora o relato.

A estética da escuta, portanto, é inseparável da ética da convivência. O jornalista que se orienta pela amorosidade aprende a suspender o juízo e a se abrir à alteridade, reconhecendo que toda palavra é um gesto de responsabilidade. A linguagem, como lembra Maturana (2002), é o lugar em que o humano se dá; e, se o humano se dá na linguagem e no amor, comunicar é um exercício de humanidade. Assim, a escuta jornalística se torna uma prática de restituição simbólica: devolver ao outro o direito de existir no discurso.

No contexto atual, marcado por polarizações, discursos de ódio e desinformação, o jornalismo amoroso emerge como uma contranarrativa necessária. Ele não se confunde com sentimentalismo, mas com uma ética da sensibilidade: trata-se de reintroduzir o humano no coração da comunicação. Melo (2025) argumenta que a amorosidade é uma epistemologia relacional, um regime de conhecimento fundado na experiência compartilhada e no vínculo sensível entre sujeitos. Essa epistemologia relacional é o que permite ao jornalismo reencontrar sua dimensão pública, não como palco de discursos, mas como espaço de reconhecimento mútuo.

Ao considerar a amorosidade como ética e estética da escuta, compreende-se que o Jornalismo é também um ato de hospitalidade. Cada narrativa pode acolher o outro ou excluí-lo; cada escolha de palavra pode ferir ou regenerar. O desafio ético está, portanto, na consciência de que narrar é criar mundos, e que esses mundos

têm consequências. O jornalista amoroso se move pela delicadeza de quem compreende que, conforme Baptista:

Há que se desmontar, então, a prepotência e aprimorar traços de amorosidade, no sentido do 'reconhecimento do outro, como um legítimo outro, na convivência'. Isto implica, é claro, em um aprimoramento das possibilidades de convivência, segundo padrões éticos e mais humanos. (Baptista, 2012, p. 104).

Essa ação oportuna é o coração da comunicação como prática viva. A amorosidade, nesse sentido, não é apenas um modo de conhecer, mas um modo de reparar o mundo, de religar o que a pressa e o ruído da informação fragmentada romperam.

Assim, a ética e a estética da escuta configuram o horizonte de um jornalismo porvir; um jornalismo que não se satisfaz em informar, mas que deseja compreender; que não busca apenas ver, mas também sentir; que não narra apenas o que aconteceu, mas o que ainda pode vir a acontecer entre nós. Um jornalismo que, segundo Baptista (2012), quer (a)provar o mundo, e, ao fazê-lo, o transforma.

5 ECOSSISTEMA JORNALÍSTICO SUMAÚMA: AFETIVIDADE E NARRATIVA COMO DISPOSITIVO DE ESCUTA

Este capítulo apresenta a análise das cinco reportagens da Sumaúma sobre o povo Yanomami, com foco em como essas narrativas constroem experiência, afeto e sentido diante da crise humanitária vivida no território. A escolha do corpus se justifica pela proposta editorial da Sumaúma, que integra rigor investigativo, presença no território e escuta sensível.

A análise utiliza a matriz fundamentada em Walter Benjamin, Edvaldo Pereira Lima e Maria Luiza Cardinale Baptista. De Benjamin, destaca-se o valor da experiência compartilhada; de Lima, a dimensão estética e ética do Jornalismo Narrativo; e de Baptista, a amorosidade como princípio relacional.

Com base nesses referenciais, o capítulo examina como cada reportagem organiza o tempo, constrói personagens, mobiliza materialidade e incorpora afetos, produzindo narrativas que denunciam a violência do garimpo sem reduzir os sujeitos à sua dor. O objetivo é compreender de que modo a Sumaúma realiza um jornalismo que articula cuidado, testemunho e compromisso com a vida Yanomami.

5.1 SOBRE O ECOSSISTEMA JORNALÍSTICO SUMAÚMA

Fundado em setembro de 2022, o ecossistema jornalístico Sumaúma: Jornalismo do Centro do Mundo nasce com o propósito declarado de reconectar o jornalismo com as urgências da vida e da natureza. Sediado em Altamira (PA), no coração da Amazônia brasileira, o projeto propõe uma reinversão do eixo do mundo, deslocando o olhar jornalístico dos centros hegemônicos de poder para as margens geográficas, simbólicas e epistêmicas. Nesse gesto, busca colocar a floresta, suas comunidades e seus modos de saber no centro da produção de sentido.

O termo *ecossistema jornalístico* não é casual. Ele traduz uma visão orgânica e interdependente da comunicação, em que jornalistas, fontes, leitores e territórios formam uma rede viva de trocas simbólicas. Em vez de um modelo linear e hierárquico, Sumaúma aposta em relações horizontais e ecológicas, que valorizam tanto o conteúdo quanto o modo de produzi-lo. Essa perspectiva rompe com a lógica extrativista que historicamente marcou o jornalismo ocidental, lógica que, como

observa Melo (2025), tende a transformar a alteridade em objeto, e não em sujeito do diálogo.

Ao assumir que o jornalismo pode ser também um território de cuidado, reparação e vínculo, Sumaúma tensiona as fronteiras entre o informar e o afetar. A escuta, nesse contexto, deixa de ser mera técnica de apuração e se torna prática ética e política de reconhecimento, na qual o outro não é reduzido à condição de fonte, mas acolhido como portador de uma verdade situada. Trata-se, como propõe Baptista (2012), de um “jornalismo amoroso”, aquele que se funda na amorosidade como valor epistemológico e no afeto como modo de conhecer e narrar o mundo.

Diferente da noção centrada em grandes eixos urbanos, o ecossistema opera como uma plataforma enraizada, que está fisicamente presente nos territórios que cobre e que respeita os tempos e as formas de enunciação das comunidades amazônicas. Suas reportagens frequentemente nascem da convivência, da escuta prolongada e da experiência partilhada, o que as aproxima da narrativa literária e das formas orais de transmissão de saberes. Nesse sentido, Sumaúma aproxima-se das concepções de Lima (2009) sobre o Jornalismo Literário como processo de conhecimento sensível, capaz de integrar estética, ética e experiência.

Mais do que informar sobre a Amazônia, Sumaúma fala de dentro dela, traduzindo um gesto de descolonização do olhar e da linguagem. Essa virada epistemológica ecoa a proposta de uma “virada sensível” na comunicação, como defende Sodré (2006), ao propor uma epistemologia fundada na sensibilidade, no corpo e na experiência afetiva. O jornalismo, nesse sentido, deixa de ser apenas uma ferramenta de mediação racional e passa a ser um campo de existência, onde o ato de narrar é também um ato de cuidar e pertencer.

Assim, a escolha de Sumaúma como objeto empírico desta pesquisa se justifica por sua proposta singular de aliar rigor investigativo e escuta afetiva, constituindo um modelo de jornalismo relacional que busca reconstruir o vínculo entre narrativa e vida. O projeto exp  o desafio contemporâneo de pensar o jornalismo como prática ecológica, em que a  tica não se separa da estética, nem o humano se separa da natureza. Em sua materialidade discursiva, Sumaúma revela que o jornalismo pode ser um ato de amor político, um gesto de resistência e regeneração no território simbólico e concreto da Amazônia.

5.2 DESENVOLVIMENTO DA MATRIZ DE OBSERVAÇÃO

A matriz de observação utilizada nesta pesquisa fundamenta-se em três pilares teóricos articulados: a concepção de narrativa e experiência proposta por Walter Benjamin (1987); a abordagem do Jornalismo Literário Avançado desenvolvida por Edvaldo Pereira Lima (2009); e a epistemologia da amorosidade formulada por Maria Luiza Cardinale Baptista (2012), especialmente em sua proposta de um jornalismo que se compromete ética e afetivamente com o outro.

Em *O narrador* (1987), Benjamin diagnostica o declínio contemporâneo da experiência comunicável. Logo no início do ensaio, afirma de forma contundente que a arte de narrar está em extinção e é cada vez mais difícil encontrar pessoas que sejam boas narradoras. Essa perda está profundamente ligada ao enfraquecimento da experiência compartilhada, como observa ao afirmar: “É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 1987, p. 198).

Para Benjamin, o que caracteriza a verdadeira narrativa é sua capacidade de transmitir um saber que nasce do vivido, e não apenas de acontecimentos isolados. Por isso, ressalta que o narrador autêntico “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (Benjamin, 1987, p. 201). Esse fundamento benjaminiano orienta a matriz no sentido de privilegiar categorias como experiência compartilhada, memória, temporalidade, presença do narrador e dimensão ética da escuta. A narrativa jornalística é compreendida aqui como forma de reintegrar a experiência à comunicação, devolvendo densidade ao relato e restituindo a capacidade de troca entre os sujeitos.

As contribuições de Edvaldo Pereira Lima, em *Páginas Ampliadas*, reforçam a centralidade da experiência no fazer jornalístico. Para o autor, o Jornalismo Narrativo constitui-se como uma prática capaz de produzir sentidos ampliados sobre a realidade, estreitando a conexão entre leitor, narrador e personagens.

Lima destaca que o Jornalismo Literário se baseia em uma abordagem que exige sensibilidade, percepção aguçada e compromisso ético com as pessoas e situações retratadas. Ele também enfatiza a necessidade de mergulho do repórter no contexto e no encontro: a narrativa jornalística deve ser construída por meio da

imersão nas circunstâncias humanas, para captar sua verdade profunda, uma imersão que não é apenas técnica, mas afetiva e interpretativa. Ele afirma:

Por mais distanciamento que se imponha ao lidar com outro ser humano — o entrevistado —, não se evitará nunca a interferência do eu subjetivo do entrevistador, seja ele escudado na oposição de idéias ou no esforço para não se “perverter” pela simpatia que poderá invadi-lo. Essa ilusão objetiva cai por terra no primeiro momento de aproximação: ambos os oponentes, digamos assim, os protagonistas de uma ação convencionalmente feita de estocadas, entrarão em campo através de uma linguagem (verbal ou não-verbal), um modo de dizer, comprometida com o real-imaginário de cada um (Lima, 2009, p. 97-98).

A construção de personagens, a escolha do ponto de vista, o uso literário do tempo e a atenção ao estilo tornam-se, assim, elementos estruturais da narrativa. Lima afirma que a boa reportagem precisa lançar luz sobre a condição humana, fazendo da escrita um território de aproximação sensível entre jornalista e leitor.

Com isso, categorias da matriz como subjetividade do narrador, construção de personagens, linguagem, imersão e cuidado estético derivam diretamente do pensamento de Lima.

A terceira base conceitual da matriz de observação é o jornalismo amoroso proposto por Baptista (2012). No texto disponibilizado, a autora denuncia a prática jornalística automatizada e insensível que domina as redações. Ela afirma que o jornalismo tradicional tem sido marcado pela “síndrome da realidade objetivada” (p. 95), que transforma o ato de narrar em procedimento técnico, dissociado da vida concreta.

Baptista descreve como o cotidiano profissional frequentemente reduz a produção jornalística a um gesto mecânico:

[...] terminar a matéria era o objetivo maior – e a necessidade, às vezes decorrente do horário de fechamento do jornal ou de veiculação do programa. A questão, neste sentido, era terminar... não gozar o processo... acabar... livrar-se do texto... por obrigação (Baptista, 2012, p. 96).

Essa crítica mostra a urgência de recolocar o afeto e a convivência no centro da comunicação.

Inspirada em Humberto Maturana, a autora reafirma que “o amor é o reconhecimento do outro como um legítimo outro na convivência” (Baptista, 2012, p. 97), argumento que se torna a espinha dorsal da ideia de jornalismo amoroso. Nessa perspectiva, escutar é mais do que colher declarações; é estabelecer vínculo,

presença ética e abertura ao encontro. Assim, a matriz incorpora eixos como escuta sensível, reconhecimento do outro, vínculo, alteridade, cuidado e amorosidade em ato.

Ao articular Benjamin (1987), Lima (2009) e Baptista (2009), a matriz assume uma orientação teórico-analítica que ultrapassa os limites formais da narrativa jornalística. Ela considera a reportagem, conforme autores, respectivamente, como:

- Um território de transmissão de experiência;
- Um espaço de construção estética e ética de sentido;
- Um campo relacional baseado na amorosidade e no reconhecimento mútuo.

Dessa maneira, a matriz final adota os seguintes eixos:

- Experiência compartilhada;
- Memória, tempo e transmissão;
- Subjetividade do narrador;
- Construção de personagens;
- Estética, linguagem e estilo;
- Encontro, escuta e vínculo;
- Amorosidade em ato;
- Materialidade expressiva da reportagem;

No quadro abaixo, é possível observar a estrutura concreta da matriz para aplicação em reportagens, a fim de análise.

Quadro 5 — Matriz de Observação Narrativa

Eixo de análise	Descrição/Orientação	Perguntas-orientadoras para aplicação
Veículo/Data	Nome do veículo e data de publicação	Qual o veículo? Quando foi publicada?
Título da Reportagem	Título da matéria	Como o título anuncia a experiência?
Link/Fonte	Endereço eletrônico da reportagem	Qual a URL ou meio de acesso?
1. Experiência compartilhada	Verifica se a narrativa parte de vivências concretas, situações sensíveis e transmissão de experiência (não apenas informação).	A matéria transmite experiência? Há cenas, atmosfera, convivência, testemunhos? O vivido aparece como conhecimento compartilhado?

2. Presença da subjetividade	Examina como o narrador se inscreve no texto, se assume postura ética e sensível e se deixa afetar pelo campo.	Examina como o narrador se inscreve no texto, se assume postura ética e sensível e se deixa afetar pelo campo.
3. Construção de personagens e vozes	Avalia a humanização das fontes, profundidade das vozes e escuta ativa.	As personagens são complexas? A narrativa as apresenta como sujeitos legítimos? Há escuta sensível e espaço para suas vozes?
4. Organização temporal e memória	Analisa o uso da temporalidade como recurso narrativo e a presença de memórias individuais ou coletivas.	O tempo é linear, simbólico ou fragmentado? Há camadas temporais? A narrativa mobiliza lembranças, tradições, histórias orais?
5. Linguagem, estilo e recursos estéticos	Observa o uso de recursos literários, sensoriais e poéticos na escrita.	O texto utiliza descrição, cena, diálogo, metáforas? Há sensorialidade? A estética fortalece o sentido?
6. Encontro com o leitor	Analisa como o texto interpela, mobiliza e cria vínculo emocional e cognitivo com o leitor.	A narrativa provoca empatia? Estabelece relação afetiva? Convida o leitor ao envolvimento?
7. Escuta sensível e reconhecimento do outro	Avalia a abertura ética do repórter ao outro e o reconhecimento da alteridade.	O repórter reconhece o outro como legítimo outro? Há cuidado na escuta? Há respeito às formas de dizer?
8. Amorosidade em ato	Identifica gestos de cuidado, acolhimento, convivência e ética amorosa no processo e na escrita.	O texto manifesta cuidado? Há acolhimento, carinho, responsabilidade, presença ética?
9. Recursos sensoriais e materialidade	Considera elementos gráficos, audiovisuais, fotos, mapas e outras materialidades que ampliam a experiência.	As imagens aprofundam o sentido? Há áudio, vídeo, hiperlinks? A forma reforça a experiência?
10. Comentário final	Síntese crítica do impacto da narrativa e sua contribuição para o campo.	Que efeitos afetivos, estéticos e políticos a narrativa produz? Qual sua potência?

Quadro desenvolvido a partir de conceitos e referenciais teóricos que fundamentam esta pesquisa.

Essa estrutura possibilita analisar como as reportagens de Sumaúma reinscrevem a narrativa jornalística no campo da sensibilidade, da convivência e da experiência compartilhada, oferecendo uma leitura ética, estética e afetiva da cobertura da Amazônia.

5.3 APLICAÇÃO DA MATRIZ DE OBSERVAÇÃO NARRATIVA ÀS REPORTAGENS DO ECOSSISTEMA SUMAÚMA

As reportagens selecionadas para esta análise integram um conjunto significativo da produção jornalística da Sumaúma, pois evidenciam, de modo exemplar, o compromisso do ecossistema com a restituição da experiência, a escuta sensível e a amorosidade como postura ética. Todas tratam de dimensões críticas da existência Yanomami, dor, sobrevivência, epistemologias, corpo, território e violência histórica, e foram escolhidas porque condensam, de forma intensa, os princípios narrativos e afetivos discutidos nesta pesquisa.

Além de seu teor investigativo, esses textos revelam uma abordagem profundamente enraizada nos territórios, construída por convivência, testemunho e vínculo, refletindo o Jornalismo que Benjamin descreve como transmissão de experiência; o que Lima identifica como narrativa ampliada da condição humana; e o que Baptista compreende como gesto amoroso e de reconhecimento do outro. Assim, são matérias paradigmáticas para avaliar como Sumaúma articula ética, estética e afeto na produção de sentido sobre a Amazônia.

5.3.1 Análise da reportagem 1: Nossos filhos estão nascendo apodrecidos. Será que as doenças estão fazendo isso com eles?

Esta reportagem é exemplar para compreender como o ecossistema jornalístico Sumaúma articula experiência, denúncia e afeto no contexto amazônico. O texto aproxima o leitor da devastação vivida por mães Yanomami que enfrentam o adoecimento extremo de seus bebês, decorrente do garimpo, do abandono estatal e da destruição territorial. O que poderia ser narrado como um dado epidemiológico transforma-se, aqui, em testemunho encarnado, onde a dor inscrita nos corpos e nas vozes das mulheres adquire centralidade ética.

Por isso, esta matéria é um objeto analítico privilegiado para compreender como a narrativa jornalística pode operar como prática de cuidado, relação e mobilização afetiva, articulando a escuta sensível ao rigor investigativo.

Quadro 6 — Matriz de Observação Narrativa 1

Eixo de análise	Descrição/Orientação
Veículo/Data	Sumaúma: Jornalismo no Centro do Mundo - 22 de dezembro 2023
Título da Reportagem	Nossos filhos estão nascendo apodrecidos. Será que as doenças estão fazendo isso com eles?
Link/Fonte	https://sumauma.com/nossos-filhos-estao-nascendo-apodrecidos-sera-que-as-doencas-estao-fazendo-isso-com-eles/
1. Experiência compartilhada	A reportagem se sustenta na vivência direta no território, permitindo que a experiência das mães se torne compartilhável. O repórter presencia o sofrimento, observa os corpos infantis deteriorados, acompanha deslocamentos exaustivos e testemunha a rotina de espera, medo e incerteza. Essa proximidade produz uma narrativa construída a partir da convivência, não de uma distância analítica. A experiência narrada é a experiência vivida, e o texto faz o leitor habitá-la. Assim, ele não apenas informa, mas transmite algo da atmosfera emocional, física e simbólica que envolve o adoecimento dos bebês Yanomami.
2. Presença da subjetividade	A subjetividade do narrador aparece de forma responsável e ética. Ela se manifesta nas escolhas narrativas, no modo como descreve as cenas, na perplexidade que atravessa a observação e na sensibilidade diante da dor das mães. O olhar do repórter não se coloca como neutro ou invisível; ele revela o impacto que testemunhar provoca, assumindo que observar essa realidade o transforma. Essa subjetividade não suprime o rigor jornalístico, mas o amplia, porque reconhece que nenhuma narrativa é dissociada do corpo que a enuncia.
3. Construção de personagens e vozes	As mães Yanomami emergem como personagens complexas, com protagonismo e voz própria. Suas falas são preservadas em sua inteireza, com seus modos de compreender o adoecimento e a morte. Não são tratadas como vítimas passivas, mas como mulheres que interpretam, sofrem, agem e buscam explicações em seus próprios sistemas de conhecimento. A reportagem respeita suas epistemologias, seus tempos de fala e suas expressões simbólicas. Ao mesmo tempo, os bebês aparecem como presenças materiais e emocionais, corpos frágeis, silenciosos, que comunicam pelo estado, pela pele, pelo choro, pela febre. Essa construção humaniza, aproxima e rompe estereótipos.
4. Organização temporal e memória	A narrativa articula passado, presente e futuro de maneira orgânica. O passado aparece na memória das mães sobre gestações anteriores e sobre o modo como o território era antes do garimpo; o presente se manifesta nas cenas de urgência e desespero; o futuro aparece como ameaça, o medo de que outros bebês nasçam iguais, de que a comunidade não sobreviva, de que a floresta já não os proteja. O tempo é construído como espiral, não como sequência linear, reforçando a sensação de que a experiência é acumulada e repetida, tanto pelas famílias quanto pelo território ferido.
5. Linguagem, estilo e recursos estéticos	A linguagem combina precisão informativa com uma dimensão estética que amplia a potência da narrativa. As descrições sensoriais criam cenas densas, de forte impacto emocional. O ritmo alterna trechos mais descritivos e momentos de tensão, acompanhando o fluxo da experiência. Não há ornamentação; há uma escolha consciente de detalhes que traduzem sofrimento, abandono e urgência. A estética

	serve ao sentido e torna visível o que políticas públicas insistem em invisibilizar.
6. Encontro com o leitor	A matéria convoca o leitor para dentro da situação. Não há barreira entre o acontecimento e quem lê: a narrativa cria um pacto de responsabilidade. O leitor é convidado a testemunhar, a imaginar, a sentir o ambiente. O texto o coloca como parte do encontro entre jornalista e mães, quebrando a distância confortável que muitas reportagens institucionais mantêm. Há um apelo ético que exige posicionamento diante da violência vivida pelos Yanomami.
7. Escuta sensível e reconhecimento do outro	A escuta é um dos elementos mais marcantes da reportagem. O repórter não interrompe, não traduz excessivamente, não coloniza o discurso das mães. Ele acolhe suas interpretações sobre as causas do adoecimento, reconhecendo que o conhecimento sobre o corpo, a floresta e a saúde não se reduz ao olhar biomédico. Essa abertura evidencia o reconhecimento do outro: suas palavras são tratadas como legítimas, não como superstição ou “opinião”. A reportagem constrói uma relação de horizontalidade, respeitando a dignidade e a inteligência das mulheres Yanomami.
8. Amorosidade em ato	A amorosidade aparece na postura narrativa: no cuidado com a exposição das crianças, no modo como a dor é tratada sem espetacularização, no respeito às emoções das mães. A matéria não transforma sofrimento em recurso estético ou em choque gratuito. O gesto amoroso está em narrar com respeito, em não reduzir os personagens à tragédia, em reconhecer suas forças, em proteger sua humanidade. A amorosidade também se manifesta no esforço de compreender o fenômeno em sua complexidade, apelando a uma ética que coloca a vida no centro.
9. Recursos sensoriais e materialidade	As cenas são construídas a partir de elementos visuais, táteis e sonoros: a cor das lesões, o cheiro dos ambientes, o som da respiração frágil, o peso das redes carregadas, o trajeto pela mata, o tempo meteorológico, a precariedade dos espaços de atendimento. Esses recursos sensoriais permitem que o leitor “habite” o acontecimento. A materialidade fala tanto quanto as pessoas. Os corpos dos bebês são linguagem, denúncia e símbolo do colapso ambiental.
10. Comentário final	Vide abaixo.

Elaborado pela autora a partir de Sumaúma (2025).

A reportagem realiza, na prática, aquilo que Benjamin (1987) descreve como a potência da narrativa enquanto transmissora de experiência, pois ela recoloca a memória, o testemunho e o conselho implícito no centro da linguagem. Em vez de entregar informações fragmentadas, oferece uma história impregnada de vida e morte, que carrega em si a urgência de um ensinamento sobre as consequências da destruição territorial.

Com Lima (2009), o texto se inscreve plenamente no Jornalismo Narrativo, entendido como elaboração estética e ética da realidade. A narrativa é trabalhada

como artesanias: traz personagens humanos, tempo expandido, cenas densas e escolhas estilísticas que aprofundam o sentido. A notícia se transforma em experiência, e, assim, amplia a compreensão do leitor.

Sob a ótica de Baptista (2012), a matéria exprime um jornalismo amoroso: uma prática que se faz na escuta, na presença, no respeito profundo pelo outro e no compromisso de não causar danos com a própria narrativa. O texto cuida dos personagens e cuida do leitor, oferecendo mediação, não violência simbólica. É um jornalismo que reconhece o outro como sujeito de saber e de sentimento.

Assim, a reportagem integra experiência, estética e ética, revelando que narrar, neste contexto, é também um gesto de cuidado, resistência e defesa da vida. Aqui, informar é inseparável de afetar, e afetar é inseparável de responsabilizar.

5.3.2 Análise da reportagem 2: O mundo de vocês, brancos, me deixa muito triste

Esta reportagem foi escolhida porque apresenta, de forma contundente e sensível, como o contato entre povos Yanomami e agentes brancos, sobretudo garimpeiros e agentes estatais, produz sofrimento emocional, destruição territorial e rupturas dos vínculos comunitários. A matéria acompanha a fala de uma mulher Yanomami que expressa sua tristeza diante da violência cotidiana que o “mundo dos brancos” impõe ao seu corpo, à sua cultura e à sua floresta. A profundidade subjetiva desse testemunho revela uma dimensão de colonialidade que não aparece em estatísticas, mas se manifesta na dor e na percepção íntima de perda.

Por isso, esta reportagem é exemplar para observar como Sumaúma restitui voz, memória e humanidade às narrativas indígenas, ativando uma escuta sensível e uma escrita comprometida com a vida.

Quadro 7 — Matriz de Observação Narrativa 2

Eixo de análise	Descrição/Orientação
Veículo/Data	Sumaúma: Jornalismo no Centro do Mundo - 15 de maio 2025
Título da Reportagem	O mundo de vocês, brancos, me deixa muito triste
Link/Fonte	https://sumauma.com/o-mundo-de-voces-brancos-me-deixa-muito-triste/

1. Experiência compartilhada	A matéria nasce do encontro direto entre repórter e comunidade. A narrativa é construída a partir de uma partilha de afetos: a tristeza expressa na fala da mulher Yanomami se torna uma experiência comunicável, que ultrapassa a informação objetiva. O repórter acompanha o cotidiano da aldeia, observa as marcas do sofrimento no corpo e no ambiente, e permite que a experiência vivida pelos indígenas se torne também experiência do leitor. A tristeza, que poderia ser apenas enunciada, é sentida na atmosfera do relato, transformando o acontecimento em testemunho compartilhado.
2. Presença da subjetividade	O narrador assume sua posição, sem ocultar o impacto emocional que a fala da mulher produz. Há consciência de que o olhar branco sobre o território é também parte do problema, e essa reflexividade aparece na forma como o repórter se coloca. A subjetividade não é usada para centrar a narrativa nele, mas para reconhecer sua implicação. A narrativa constrói um “eu” que observa, mas também é afetado, demonstrando que a presença do jornalista no território não é neutra e que escrever também é um gesto de envolvimento.
3. Construção de personagens e vozes	A personagem central é uma mulher Yanomami cuja voz é apresentada com força e complexidade. Sua fala é preservada, seu modo de compreender o sofrimento é legitimado e suas expressões emocionais são tratadas como conhecimento. Ao redor dela, a reportagem constrói outras presenças: crianças, parentes, corpos marcados pela tristeza, silêncio e insegurança. A comunidade não é representada como cenário, mas como conjunto de sujeitos que enfrentam diariamente invasões, violência e medo. A diversidade de vozes, inclusive aquelas não verbalizadas, expressas por gestos ou silêncios, reforça a densidade humana da narrativa.
4. Organização temporal e memória	A reportagem articula presente e passado no discurso da personagem. A tristeza não é algo pontual, mas resultado de uma sequência de violências acumuladas ao longo do tempo: invasões garimpeiras, contaminação, ameaças, ruídos das máquinas, presença de estranhos na floresta. A memória da personagem funciona como estrutura do texto, permitindo que o passado reapareça como ferida ainda aberta. A narrativa reforça que a dor é histórica, não se trata apenas do que acontece naquele dia, mas do que vem se repetindo há anos. Essa temporalidade ampliada sustenta a compreensão profunda da experiência.
5. Linguagem, estilo e recursos estéticos	A reportagem utiliza uma linguagem que equilibra descrição sensível com precisão informativa. O estilo é marcado por cenas densas, ritmo pausado e detalhes que criam uma atmosfera emocional: o silêncio da personagem, o modo como ela observa a floresta, a forma como o corpo manifesta tristeza. O texto privilegia a construção de imagens, a paisagem agredida, os ruídos intrusivos, a tensão entre natureza e invasão, transformando a realidade em narrativa significativa. A estética não embeleza, ela deixa ver o que está oculto sob a superfície.
6. Encontro com o leitor	Aqui, o leitor é convocado a se aproximar da personagem, não como observador distante, mas como participante de uma situação que exige empatia e reflexão. A frase-título funciona como interpelação direta, “o mundo de vocês” não é dirigido apenas ao repórter, mas também ao leitor, que é chamado a reconhecer seu lugar numa cadeia de responsabilidades. A narrativa abre espaço para um encontro emocional, no qual o leitor é convidado a confrontar a dor expressa pela mulher.

	Esse encontro não é confortável, mas necessário, e faz parte da ética narrativa da reportagem.
7. Escuta sensível e reconhecimento do outro	A escuta realizada pelo repórter é atenta, respeitosa e amorosa. Ele acolhe a fala da personagem sem julgá-la, sem traduzir em categorias externas, sem questionar sua legitimidade. A tristeza da mulher é tratada como saber; sua percepção sobre o “mundo branco” é reconhecida como uma interpretação válida da realidade. A reportagem não hierarquiza epistemologias, a palavra indígena é tratada como expressão legítima de experiência e conhecimento. Essa escuta produz reconhecimento, pois a mulher é sujeito, não apenas um recurso narrativo.
8. Amorosidade em ato	A amorosidade aparece no modo como o texto cuida da personagem e de sua dor. O repórter não invade sua intimidade, não transforma sua tristeza em espetáculo, não explora sua vulnerabilidade. A narrativa protege, acolhe e humaniza. A amorosidade manifesta-se também no esforço de compreender o sofrimento para além da dimensão médica ou factual, reconhecendo a dor espiritual, emocional e comunitária como dimensões fundamentais da vida Yanomami. O texto se posiciona para defendê-la com um cuidado narrativo genuíno.
9. Recursos sensoriais e materialidade	A matéria mobiliza elementos sensoriais para transmitir a deterioração do território e a tristeza encarnada nos corpos. Os ruídos do garimpo, a mudança na paisagem, o ar pesado, os rios sujos, a floresta silenciosa. Tudo isso compõe uma materialidade que ajuda a comunicar a dor que a personagem sente. O corpo dela também é materialidade narrativa: seu olhar, seu silêncio, sua postura, sua respiração. Esses elementos sensoriais transformam a tristeza em ambiente, permitindo que o leitor a experimente de forma mais profunda.
10. Comentário final	Vide abaixo.

Elaborado pela autora a partir de Sumaúma (2025).

A narrativa realiza aquilo que Benjamin (1987) considera fundamental na arte de narrar, que é transmitir uma experiência que carrega em si sabedoria, sofrimento e ensinamento. A tristeza da personagem é transformada em conhecimento comunicável, permitindo que sua visão sobre a colonização contemporânea penetre o leitor.

Com Lima (2009), percebemos como a reportagem utiliza a estética narrativa para aprofundar o sentido do acontecimento: cenas, atmosferas e personagens são construídos de modo a revelar a dimensão humana, emocional e política da experiência indígena.

Por Baptista, a reportagem se afirma como gesto amoroso, porque escuta, acolhe, cuida e reconhece o outro como sujeito pleno, com direito à dor, à palavra e à interpretação do mundo. A amorosidade aparece não como afeto ingênuo, mas como prática ética que reorganiza a relação entre jornalista, personagem e leitor.

Assim, esta reportagem transforma a tristeza de uma mulher Yanomami em narrativa compartilhada, que convoca responsabilidade e restabelece a dignidade do testemunho indígena. É um jornalismo que vê, sente e se implica, e que produz conhecimento sensível e politicamente potente.

5.3.3 Análise da reportagem 3: Os índios que não tinham nome

Esta reportagem foi escolhida por revelar uma das dimensões mais profundas da violência colonial: a imposição de classificações externas sobre povos que historicamente se organizaram por outros modos de existência. O texto narra o processo de contato entre indígenas recém-identificados e agentes brancos (missionários, militares, indigenistas), evidenciando como esses encontros são atravessados por medo, expectativa, incompreensão e violência simbólica.

A matéria é central para esta pesquisa porque sintetiza a proposta narrativa de Sumaúma de aproximar o leitor da experiência sensível do encontro, desmontar estereótipos sobre “índios isolados” e revelar o choque entre mundos que operam por lógicas distintas. A história dos “sem nome” torna-se uma reflexão crítica sobre poder, linguagem, identidade e memória.

Quadro 8 — Matriz de Observação Narrativa 3

Eixo de análise	Descrição/Orientação
Veículo/Data	Sumaúma: Jornalismo no Centro do Mundo - 17 de outubro 2025
Título da Reportagem	Os índios que não tinham nome
Link/Fonte	https://sumauma.com/os-indios-que-nao-tinham-nome/
1. Experiência compartilhada	A reportagem nasce da imersão da equipe no território e no processo de contato, oferecendo ao leitor não apenas informações sobre o evento, mas a experiência de acompanhar a tensão e a delicadeza desse encontro. A narrativa compartilha incertezas, gestos, silêncios, olhares e pequenos movimentos de aproximação entre indígenas e agentes de contato. A sensação que atravessa o texto é a de que o leitor está presente nesse momento liminar, em que mundos diferentes se tocam pela primeira vez. A experiência relatada é vivida, e seu compartilhamento se dá pela complexidade e pela vulnerabilidade de todos os envolvidos.
2. Presença da subjetividade	A subjetividade do narrador está presente na forma como ele descreve o ambiente, interpreta os gestos e reflete sobre as tensões éticas do

	contato. O repórter não se coloca como observador neutro; revela a inquietação diante do risco de interferência, do medo dos indígenas e do peso da responsabilidade. Essa consciência de posição cria uma narrativa ética, que reconhece que toda descrição é atravessada por um olhar e que esse olhar precisa ser constantemente interrogado. A subjetividade aparece, assim, como instrumento crítico e não como centralidade.
3. Construção de personagens e vozes	A reportagem trabalha com personagens em situação de extrema singularidade. São indígenas que emergem pela primeira vez na cena pública nacional. Eles não aparecem como figuras homogêneas ou abstratas, mas como sujeitos com gestos, medos, curiosidades e modos próprios de comunicação. A matéria descreve suas expressões corporais, instrumentos, vestimentas e reações, criando camadas de humanidade. Ao mesmo tempo, apresenta as vozes de indigenistas e interlocutores que participam do processo de contato, evidenciando seus dilemas éticos e emocionais. A coexistência dessas vozes confere densidade e pluralidade ao relato.
4. Organização temporal e memória	O tempo da reportagem é composto por múltiplas camadas que abarcam o tempo longo da vida dos isolados antes do contato; o tempo suspenso do momento do encontro; o tempo histórico da política indigenista brasileira; e o tempo curto dos gestos, dos olhares e dos deslocamentos narrados. A memória aparece como ausência e como descoberta: aqueles que “não tinham nome” são apresentados como parte de uma história que não se encaixa na cronologia colonial. Há um embate entre as temporalidades dos brancos, organizados por registro e documentação, e dos indígenas, organizada por relações e continuidade da vida no território. A narrativa revela essa fricção temporal, produzindo uma compreensão mais profunda do que significa “entrar na história” aos olhos do Estado.
5. Linguagem, estilo e recursos estéticos	A linguagem da reportagem combina descrição sensorial, ritmo pausado e densidade simbólica. As cenas são construídas com cuidado: o modo como os corpos se aproximam, os sons da floresta, os objetos trocados, os silêncios que precedem cada gesto. A estética não exagera nem dramatiza; ao contrário, aposta na delicadeza, no detalhe e na observação atenta. A narrativa utiliza metáforas sutis para expressar a vulnerabilidade do encontro, compondo um estilo que sustenta a tensão entre beleza e perigo. Há uma ética estética que orienta a escrita, evitando exotização.
6. Encontro com o leitor	O leitor é colocado no lugar de testemunha de um acontecimento raro e delicado. A narrativa interpela sua responsabilidade ao mostrar que aquele contato não é espetáculo, mas evento político e existencial. O texto conduz o leitor a questionar o próprio olhar sobre os povos indígenas: quem é, afinal, o “sem nome”? O encontro convida o leitor a atravessar o desconforto, a rever expectativas e a compreender a complexidade dos protocolos de contato. O efeito é uma aproximação que provoca reflexão, não consumo.
7. Escuta sensível e reconhecimento do outro	A reportagem demonstra uma escuta atenta, aberta e profundamente descolonizada. Os indígenas não são interpretados a partir de categorias externas, suas expressões, seus gestos e suas decisões são tratadas como formas legítimas de comunicação. O texto reconhece que as palavras não são o único modo de produzir sentido e que os silêncios indígenas carregam história, memória e estratégia. A escuta sensível

	está no respeito aos tempos da comunidade, na recusa à interpretação apressada e na atenção às nuances do encontro.
8. Amorosidade em ato	A amorosidade aparece na forma como o texto cuida da narrativa e das pessoas envolvidas. Evita julgamentos, preserva dignidade, recusa espetacularização e se guia por uma ética de proteção. A amorosidade opera como cuidado com a palavra, com o território e com a memória daqueles recém-contatados. Também se manifesta no modo como a reportagem acolhe a sensibilidade dos indigenistas, que lidam com medo, responsabilidade e afeto. Amar, aqui, significa narrar com responsabilidade, reconhecendo a vida como valor maior.
9. Recursos sensoriais e materialidade	A materialidade é um dos eixos centrais da reportagem. O texto mobiliza elementos sensoriais que estruturam o encontro: a mata densa, os objetos trazidos pelos indígenas, a textura das tinturas corporais, os sons de alerta, a ausência de palavras, a distância física que gradualmente se altera. Esses elementos constroem um mundo perceptivo que permite ao leitor “sentir” a situação. A materialidade funciona como linguagem: os corpos falam, os objetos falam, o território fala. O contato se dá tanto pelo que se vê quanto pelo que se sente.
10. Comentário final	Vide abaixo.

Elaborado pela autora a partir de Sumaúma (2025).

A reportagem realiza a potência benjaminiana da narrativa como transmissão de experiência: ela não apenas relata o acontecimento, mas o transforma em conhecimento compartilhado, revelando a densidade humana e histórica do contato. O encontro com os isolados é narrado como experiência liminar que carrega advertências, memória e responsabilidade, exatamente como Benjamin (1987) descreve a função da narrativa.

Através de Lima (2009), percebemos como a estética narrativa, das cenas, ritmo, personagens, sensorialidade, aprofunda o significado do encontro. Não se trata de observar de fora, mas de acompanhar com sensibilidade o processo de aproximação, transformando o leitor em participante daquele momento histórico.

E com Baptista, a reportagem expressa jornalismo amoroso: cuida da dignidade dos indígenas, reconhece seus modos próprios de existência, considera a palavra do outro como legítima e escreve com atenção ao impacto da narrativa sobre a vida das pessoas retratadas. A amorosidade organiza o olhar, a escuta e a escrita.

Assim, a reportagem se afirma como gesto ético e estético, capaz de transformar o acontecimento em experiência compartilhada, denunciar a violência da

nomeação colonial e valorizar a presença de mundos que não cabem nas categorias brancas. Narrar torna-se, então, neste espaço, um modo de proteger.

5.3.4 Análise da reportagem 4: Mariposa e eu não queremos sobreviver

Esta reportagem foi escolhida porque constitui uma das expressões mais potentes da dimensão afetiva, subjetiva e existencial das narrativas produzidas pela Sumaúma. Ao acompanhar a história de Mariposa, uma jovem Yanomami, e de sua mãe, o texto revela o entrelaçamento entre doença, violência territorial, sofrimento emocional, precariedade dos serviços de saúde e a devastação ecológica provocada pelo garimpo.

A frase que dá título à matéria, “não queremos sobreviver”, introduz o leitor a uma experiência extrema, em que a dor física e a dor do território ferido se tornam indissociáveis. A reportagem não só denuncia uma tragédia humanitária, mas evidencia o alcance subjetivo da destruição, iluminando camadas de sofrimento que transcendem estatísticas biomédicas. É um texto decisivo para analisar como a narrativa jornalística pode acolher, traduzir e transmitir afeto, trauma, medo e desespero de modo ético e sensível.

Quadro 9 — Matriz de Observação Narrativa 4

Eixo de análise	Descrição/Orientação
Veículo/Data	Sumaúma: Jornalismo no Centro do Mundo - 15 de setembro 2025
Título da Reportagem	Mariposa e eu não queremos sobreviver
Link/Fonte	https://sumauma.com/mariposa-e-eu-nao-queremos-sobreviver/
1. Experiência compartilhada	A matéria nasce de uma presença prolongada no território e do convívio direto com a família de Mariposa. O repórter acompanha de perto a fragilidade da jovem, sua dificuldade para se alimentar, seu corpo enfraquecido, as tentativas de cuidado da mãe e o ambiente ao redor. O leitor é inserido na experiência de quem vê a vida se esvaír lentamente. Esse compartilhamento transforma a reportagem em testemunho: o sofrimento vivido por Mariposa se torna experiência comunicável, criando uma relação de co-presença entre narrador, personagem e leitor.
2. Presença da subjetividade	A subjetividade do narrador se manifesta na forma como ele observa e descreve a deterioração física e emocional da jovem. Há perplexidade, tristeza e desconforto ético diante da proximidade da morte. O repórter não tenta apagar seus sentimentos; assume-os de modo responsável,

	reconhecendo que seu olhar é parte da construção narrativa. Essa subjetividade não se sobrepõe às personagens, mas revela o impacto que testemunhar provoca, e essa franqueza acrescenta densidade ética à narrativa.
3. Construção de personagens e vozes	Mariposa e sua mãe aparecem como personagens complexas, não reduzidas a vítimas, mas marcadas por força, resistência, medo e desejo. A fala da mãe expressa uma dor que é também sabedoria e interpretação do mundo. Mariposa, mesmo debilitada, comunica por gestos, silêncios, recusas, olhares. Suas vozes estruturam a narrativa. A reportagem também traz outros personagens: profissionais de saúde, lideranças indígenas e membros da comunidade. Todos são apresentados como sujeitos situados, com suas próprias tensões e responsabilidades. Essa multiplicidade de vozes amplia a compreensão do drama vivido pela comunidade.
4. Organização temporal e memória	O texto articula diferentes temporalidades entre o tempo da doença, lento e arrastado; o tempo da destruição ambiental, acumulado ao longo de anos; o tempo das perdas que se somam na memória da família; o tempo urgente da intervenção médica; e o tempo final da despedida iminente. A narrativa mistura passado e presente, mostrando que a doença de Mariposa não nasce naquele dia, mas é resultado de camadas sucessivas de abandono e violação. O corpo da jovem carrega memória: memória da invasão, da fome, do medo, do rompimento dos vínculos comunitários. O passado não está encerrado, continua vivo no corpo adoecido.
5. Linguagem, estilo e recursos estéticos	A linguagem é marcada por forte intensidade emocional, mas sem exageros. O estilo é preciso, delicado e profundamente sensorial. Descrições do corpo de Mariposa, da casa, dos sons, da luz, do ambiente ao redor funcionam como elementos que constroem atmosfera e significado. O ritmo alterna passagens de tensão, silêncio e introspecção, reproduzindo a oscilação entre esperança e desespero que perpassa a vida da jovem e de sua mãe. O uso de detalhes visuais e simbólicos, como o gesto de não comer, a posição da rede, o toque da mãe, transforma o mundo sensorial em narrativa afetiva.
6. Encontro com o leitor	O leitor é convocado a testemunhar o sofrimento sem intermediações que suavizem a realidade. Mas o texto não busca chocar; busca aproximar. O encontro com o leitor é ético: ele é convidado a se implicar, a reconhecer sua própria posição no sistema que produz esse tipo de morte. A sensação é de que o leitor está sentado ao lado da família, acompanhando as mudanças no corpo de Mariposa e participando da dor da mãe. O encontro é íntimo, tenso e transformador.
7. Escuta sensível e reconhecimento do outro	A escuta da reportagem é profunda. O texto acolhe o modo indígena de expressar sofrimento, sem tentar traduzir ou racionalizar demais. A dor da mãe não é interpretada como histeria, desespero ou ignorância, é reconhecida como forma legítima de saber sobre o corpo da filha. A escuta sensível permite que a narrativa incorpore também as expressões silenciosas de Mariposa: o movimento mínimo dos olhos, a recusa de alimento, a fragilidade das mãos. A reportagem trata essas expressões como linguagem. Reconhece-as como mundos.
8. Amorosidade em ato	A amorosidade emerge de diversas maneiras: - na forma como o repórter cuida da narrativa, sem expor o corpo de Mariposa de maneira degradante; - no respeito à dor da mãe e à intimidade das duas;

	- na recusa da espetacularização; - na escolha de não invadir momentos de vulnerabilidade; - na delicadeza do olhar para os gestos cotidianos de cuidado. A amorosidade é o fio-condutor do vínculo entre narrador e personagens. É ela que impede que a narrativa reduza a jovem a sua doença. A amorosidade preserva a dignidade da personagem, mesmo à beira da morte.
9. Recursos sensoriais e materialidade	A reportagem é profundamente sensorial, pois apresenta o ambiente físico da casa, a luz filtrada pela floresta, o som de vozes abafadas, o corpo de Mariposa em detalhes, os objetos cotidianos (rede, panela, remédios improvisados), o clima pesado, quente, úmido, entre outros. A materialidade é linguagem narrativa. O corpo de Mariposa se torna testemunho, denúncia e símbolo do colapso socioambiental. A materialidade da cena dá forma aos afetos: o leitor sente o sufocamento, a fragilidade, a iminência da perda.
10. Comentário final	Vide abaixo.

Elaborado pela autora a partir de Sumaúma (2025).

A narrativa encarna a concepção benjaminiana de experiência como algo que deve ser transmitido para ganhar sentido. O sofrimento de Mariposa não aparece como dado biomédico, mas como experiência vivida que carrega memória, advertência e ensinamento. A reportagem recupera a dimensão artesanal da narrativa: cada gesto, cada cena, cada silêncio é trabalhado como parte de um todo que só se sustenta pela presença do narrador.

Lima (2009) é percebido através da construção narrativa rica em cenas, com ritmo sensorial, profundidade psicológica e densidade simbólica, que ampliam a compreensão do fenômeno. A narrativa não só informa, mas transforma a percepção do leitor sobre a vida Yanomami e sobre o impacto da violência ambiental nos corpos indígenas.

Com Baptista (2012), a matéria se consolida como jornalismo amoroso, guiado por um compromisso ético com a vida, a dignidade e o bem viver. O cuidado está no texto, no silêncio respeitado, no acolhimento da dor e na recusa de reduzir Mariposa a uma estatística. É uma narrativa que, mais uma vez, cuida, reconhece e protege.

Assim, esta reportagem demonstra como o jornalismo pode operar como prática de amor, testemunho e preservação da vida. O corpo de Mariposa, narrado com sensibilidade e rigor, torna-se lugar de memória e denúncia, convocando o leitor a repensar sua relação com o território, com o outro e com a própria humanidade.

5.3.5 Análise da reportagem 5: Raimundo quer um mundo em que os bebês-peixes possam nascer

Esta reportagem foi selecionada porque condensa, com força simbólica, a relação entre sofrimento humano, destruição ambiental e resistência afetiva na Amazônia. A narrativa acompanha Raimundo, um jovem Yanomami, e reconstrói, por meio de sua experiência pessoal e dos vínculos familiares e comunitários, o impacto devastador do garimpo sobre a floresta, os rios e as formas de vida que dependem deles, inclusive os “bebês-peixes”, metáfora central que traduz, com poesia e dor, o desejo de continuidade da vida.

O texto articula denúncia e sensibilidade, e investe numa dimensão profundamente ecológica da narrativa: não há separação entre a saúde do território e a saúde dos corpos Yanomami. Por colocar a juventude indígena, a memória de infância, os afetos e a imaginação como elementos centrais, esta reportagem é exemplar para a análise da amorosidade, da escuta sensível e dos recursos estéticos que Sumaúma desenvolve em seu ecossistema jornalístico.

Quadro 10 — Matriz de Observação Narrativa 5

Eixo de análise	Descrição/Orientação
Veículo/Data	Sumaúma: Jornalismo no Centro do Mundo - 7 de março 2025
Título da Reportagem	Raimundo quer um mundo em que os bebês-peixes possam nascer
Link/Fonte	https://sumauma.com/raimundo-quer-um-mundo-em-que-os-bebes-peixe-s-possam-nascer/
1. Experiência compartilhada	A reportagem é construída a partir da convivência com Raimundo e com o território que o constitui. O repórter acompanha suas caminhadas, suas memórias, suas percepções sobre o rio que deixou de correr limpo e sobre os peixes que deixaram de nascer. A narrativa compartilha a experiência de viver num lugar onde a morte dos peixes é também a morte simbólica da comunidade. O leitor não apenas entende racionalmente a devastação, ele a sente ao acompanhar o jovem cuja vida está entrelaçada com o ciclo natural. A experiência deixa de ser abstrata e passa a ser compartilhada de forma sensível.
2. Presença da subjetividade	A subjetividade do narrador emerge na delicadeza com que acompanha os pensamentos de Raimundo e na atenção aos detalhes que revelam sua sensibilidade. O repórter não tenta se colocar acima da cena; admite sua própria implicação emocional diante das memórias do jovem. Há uma postura ética que reconhece que narrar a dor ambiental é, também,

	ser afetado por ela. A subjetividade é discreta, mas presente, ela orienta o olhar e revela que a narrativa nasce do encontro, não da distância.
3. Construção de personagens e vozes	Raimundo é apresentado com profundidade, como jovem que carrega tanto dor quanto esperança. A metáfora dos “bebês-peixes” revela sua forma de compreender o mundo: uma sensibilidade ecológica que ultrapassa a racionalidade técnica e expressa um conhecimento ancestral. Outros personagens como familiares, crianças, anciãos, lideranças, aparecem como vozes que compõem a coletividade Yanomami. Cada voz acrescenta nuance: a tristeza diante do rio morto, a lembrança de uma época mais viva, o medo constante do garimpo. As vozes indígenas são horizontais, nunca objeto de exotização.
4. Organização temporal e memória	A narrativa alterna passado e presente de forma fluida. Raimundo recorda sua infância no rio, as pescarias, a abundância de peixes e a alegria de nadar em águas limpas. O presente contrasta com esse tempo luminoso: o rio agora poluído, silencioso, sem vida. Essa dupla temporalidade revela a profundidade da perda ecológica e afetiva. A memória funciona como contraponto crítico ao presente, criando uma narrativa que denuncia a ruptura de ciclos naturais e culturais. O futuro aparece como incerteza, mas também como desejo: Raimundo quer um mundo em que os bebês-peixes possam voltar a nascer.
5. Linguagem, estilo e recursos estéticos	A linguagem é poética, sensorial e carregada de imagens simbólicas. A metáfora dos “bebês-peixes” é o eixo estético da narrativa: ela convoca cuidado, inocência, nascimento e continuidade. O estilo alterna cenas descritivas com momentos reflexivos, criando ritmo que acompanha o fluxo do rio, ora lento, ora abruptamente interrompido pela violência do garimpo. O texto utiliza detalhes visuais (cor da água, silêncio das margens, ausência de peixes) para construir uma estética da perda. A combinação de sensibilidade e precisão produz uma narrativa envolvente.
6. Encontro com o leitor	O texto constrói uma ponte direta entre Raimundo e o leitor. A metáfora central facilita esse encontro: mesmo quem não vive na floresta entende o que significa desejar que vidas pequenas possam continuar. O leitor é convocado a enxergar o rio não como recurso, mas como ser vivo. Esse deslocamento é ético: o texto convida quem lê a reconhecer sua responsabilidade no sistema que afeta a Amazônia. O encontro se dá na partilha de afetos, não apenas de informações.
7. Escuta sensível e reconhecimento do outro	O repórter escuta Raimundo com atenção e cuidado, respeitando seu modo de interpretar o mundo. Ele não traduz a metáfora indígena em categorias ocidentais; acolhe-a como conhecimento legítimo. A escuta sensível também aparece no cuidado ao narrar o impacto emocional que o jovem sente ao ver o rio morrer. A tristeza e a esperança são registradas sem julgamento, permitindo que a subjetividade Yanomami organize o sentido da narrativa. Esse reconhecimento do outro é central para a ética da reportagem.
8. Amorosidade em ato	A amorosidade é um eixo fundamental na matéria. Ela aparece na forma como os sentimentos de Raimundo são acolhidos; no respeito profundo à sua visão de mundo; no cuidado com a metáfora dos “bebês-peixes”; na recusa em transformar o sofrimento ecológico em espetáculo; e na escolha de narrar com delicadeza, protegendo a sensibilidade do jovem. A amorosidade também se expressa como defesa da vida em todas as suas formas, seja humana, animal, vegetal, espiritual. Narrar com amor aqui significa defender o direito de existir de todos os seres do território.

9. Recursos sensoriais e materialidade	A reportagem mobiliza fortemente o sensorial, através do som abafado do rio contaminado; da ausência de peixes nos igarapés; da cor turva da água cheia de mercúrio; do cheiro de destruição; dos rastros de máquinas; e do silêncio da floresta em colapso. A materialidade da paisagem é crucial para comunicar a dor de Raimundo. O ambiente se torna personagem e testemunho. O corpo do rio adoecido funciona como espelho do corpo do povo Yanomami. A narrativa sensorial aproxima o leitor da experiência física da devastação.
10. Comentário final	Vide abaixo.

Elaborado pela autora a partir de Sumaúma (2025).

Esta reportagem encarna a concepção benjaminiana de narrativa como transmissão de uma experiência impregnada de memória e ensinamento. O sofrimento ecológico vivido por Raimundo é mais que um acontecimento: é uma advertência sobre o futuro do território e da humanidade. O texto recupera o valor da experiência sensível e o transforma em conhecimento.

Com Lima (2009), vemos a força do Jornalismo Narrativo aplicado em sua forma mais plena, por meio de cenas cuidadosamente construídas, personagens densos, temporalidade expandida e uso consciente de metáforas. A narrativa não se limita a registrar um problema ambiental, mas ela dá profundidade humana e simbólica ao acontecimento.

Baptista (2012) manifesta-se nesta matéria com um jornalismo amoroso presente na narrativa, que acolhe a dor de Raimundo, respeita seu modo de conhecer a natureza e reconhece sua relação afetiva com o rio. A amorosidade organiza a escrita e impede que a narrativa reduza o jovem à vítima, ele é sujeito, sensível, inteligente, habitante de uma cosmologia que compreende a vida de maneira integrada.

Assim, esta reportagem traduz de modo exemplar a proposta de Sumaúma de narrar a Amazônia a partir de dentro, com respeito, afeto e rigor, devolvendo ao jornalismo sua capacidade de tocar, mobilizar e cuidar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar esta pesquisa é, de certo modo, como voltar ao ponto de partida, a esse território entre o Sul e a Amazônia, entre a distância geográfica e a proximidade afetiva que a narrativa foi e é capaz de construir. Ao longo deste percurso, compreendi que o Jornalismo, quando guiado por uma ética-estética da escuta, torna-se uma ponte entre mundos, que costura vidas, saberes e tempos distintos. E foi justamente a travessia desta que este trabalho buscou mapear.

Ao investigar o Jornalismo Narrativo a partir de Lima (2009), reconheci que contar histórias não é apenas organizar informações, mas sim oferecer ao leitor uma experiência de mundo que integra razão, sensibilidade e imaginação. É permitir que o acontecimento ganhe profundidade ao ser atravessado por sujeitos concretos, suas memórias, seus desejos, seus medos, seus afetos e suas formas de existir. Essa concepção ampliada da narrativa guiou toda a construção teórica e metodológica da pesquisa.

Ao adentrar o conceito de amorosidade, especialmente nos caminhos abertos por Baptista (2012) e pelas contribuições de Melo (2025), o trabalho ganhou outro horizonte. Compreendi que o conhecimento só se torna verdadeiramente transformador quando nasce da relação e quando se estabelece um espaço de cuidado e reconhecimento mútuo. A amorosidade, nesse sentido, não é ornamento teórico, mas fundamento ético, chave para pensar a prática jornalística como encontro e responsabilidade.

Foi com essas lentes que mergulhei no ecossistema jornalístico Sumaúma. As reportagens revelaram um jornalismo que nasce do chão da Amazônia, mas reverbera muito além dele. Um jornalismo que escuta populações tradicionais, povos originários, mulheres, crianças, rios, bichos, florestas, e que, ao fazer isso, desestabiliza a lógica informativa hegemônica que historicamente silenciou essas vozes.

Nas análises realizadas, emergiram alguns pontos essenciais:

- Sumaúma articula estética e política ao construir reportagens que unem a densidade dos fatos à organicidade da experiência vivida;

- a narrativa funciona como gesto de aproximação, capaz de atravessar fronteiras simbólicas e afetivas, levando o leitor a experimentar o mundo amazônico mesmo escrevendo, como eu, de outras geografias;
- a escuta aparece como eixo central, operando não apenas como técnica de apuração, mas como postura ética que reconhece a dignidade do outro;
- elementos como personagens, cenas, temporalidades e memória são mobilizados para criar vínculos com o público, tornando a narrativa um espaço compartilhado;
- a amorosidade manifesta-se nas escolhas editoriais, que valorizam modos de vida ameaçados, histórias apagadas e compreensões de mundo que não cabem nos moldes jornalísticos tradicionais.

Assim, a pesquisa confirma que a narrativa jornalística, quando orientada pela amorosidade, amplia sua potência epistemológica e comunicacional. Ela não suaviza conflitos, não omite desigualdades, nem se distancia criticamente da realidade, ao contrário, permite enxergar com maior profundidade o que está em risco, o que persiste e o que resiste.

Em um mundo marcado por crises ambientais, políticas e informacionais, Sumaúma nos lembra que comunicar é, antes de tudo, um ato de preservar as vozes, as histórias, as florestas, os modos de existir. É um exercício de presença que exige tempo, responsabilidade e cuidado, bens escassos na lógica acelerada da contemporaneidade, mas absolutamente indispensáveis para narrar a Amazônia e, com ela, o nosso país.

Por isso, esta pesquisa não se encerra, ela aponta caminhos. Sugere que outras investigações também explorem jornalismo sensíveis, práticas de escuta profunda, narrativas que brotam de territórios historicamente silenciados. Questiona como a amorosidade pode transformar redações, formar profissionais mais atentos ao outro, repensar o próprio fazer jornalístico.

Fecho este trabalho ainda do Sul, de onde comecei. A Amazônia continua lá, no Norte, vasta como sempre, mas a distância agora é outra, é apenas geográfica. Entre nós, há uma narrativa que atravessou o caminho, e a certeza de que quando o jornalismo se permite escutar, sentir e reconhecer, ele não apenas informa, ele entrelaça mundos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, M. L. C.; EME, J. B. *Estratégias de ‘sobre-vivência’ metodológica na viagem investigativa para a ciência no mundo novo: Dimensão trama, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas*. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, n. 00, e023042, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.18206>. Acesso em: 23 ago.2025.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. *Jornalismo amoroso. Quem quer (a)provar? Reflexões sobre a aplicação de práticas pedagógicas amorosas, na formação e no cotidiano do jornalista*. Revista Brasileira De Ensino De Jornalismo – REBEJ, Ponta Grossa, v. 1, n. 9, p. 93–118, jan./jun. 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. 1). p. 197–221.
- BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Gustavo de. *Jornalismo literário: uma introdução*. Brasília: Editora da UnB, 2010.
- DOMINGO, David; QUANDT, Thorsten; HEINONEN, Ari; PAULUSSEN, Steve; SINGER, Jane B.; VUJNOVIC, Marina. Participatory journalism practices in the media and beyond: an international comparative study of initiatives in online newspapers. *Journalism Practice*, v. 2, n. 3, p. 326-342, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1080/17512780802281065>. Acesso em: 20 set. 2025.
- FRANKLIN, Bob. *The Future of Journalism: Risks, Challenges and Opportunities*. London: Routledge, 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GRECU, Silviu; MIHAILESCU, Bogdan Constantin; VRANCEANU, Simona. *Online Media Bias and Political Participation in EU Member States; Cross-National Perspectives*. Journal. Media, v. 6, n. 3, p. 155, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/journalmedia6030155>. Acesso em: 19 set. 2025.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (p. 47). 3. ed. rev. São Paulo: Manole, 2009.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1991.

MARQUES DE MELO, José. *História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2003.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MELO, Camila Carvalho de. *Amorosidade como dispositivo potencializador de ecossistemas comunicacionais-subjetivos mal-ditos*. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade de Caxias do Sul, 2025.

MEYER, Philip. *Precision Journalism: A Reporter's Introduction to Social Science Methods*. 4th Edition. Lanham: Rowman & Littlefield, 2015.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SPINOZA, Baruch. *Ética demonstrada segundo a ordem geométrica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SUMAÚMA. Nossos filhos estão nascendo apodrecidos. Será que as doenças estão fazendo isso com eles?. *Sumaúma: Jornalismo do Centro do Mundo*, 22 dez. 2023. Disponível em:

<https://sumauma.com/nossos-filhos-estao-nascendo-apodrecidos-sera-que-as-doencas-estao-fazendo-isso-com-eles/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

SUMAÚMA. O mundo de vocês, brancos, me deixa muito triste. *Sumaúma: Jornalismo do Centro do Mundo*, 15 mai. 2025. Disponível em: <https://sumauma.com/o-mundo-de-voces-brancos-me-deixa-muito-triste/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

SUMAÚMA. Os índios que não tinham nome. *Sumaúma: Jornalismo do Centro do Mundo*, 17 out. 2025. Disponível em: <https://sumauma.com/os-indios-que-nao-tinham-nome/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

SUMAÚMA. Mariposa e eu não queremos sobreviver. *Sumaúma: Jornalismo do Centro do Mundo*, 15 set. 2025. Disponível em:

<https://sumauma.com/mariposa-e-eu-nao-queremos-sobreviver/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

SUMAÚMA. Raimundo quer um mundo em que os bebês-peixes possam nascer. *Sumaúma: Jornalismo do Centro do Mundo*, 7 mar. 2025. Disponível em: <https://sumauma.com/raimundo-quer-um-mundo-em-que-os-bebes-peixes-possam-nascer/>. Acesso em: 18 nov. 2025.